



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARTES E HUMANIDADES

MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIOS

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

“LUÍS DE CAMÕES”

Fábrica de Malhas Simões Ld.^a, 1907-1987: História e Património(s)

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em História e Patrimónios

Autor: Reginaldo Chaveiro dos Santos

Orientadores: Professor Doutor Duarte Manuel Freitas e Professor Doutor José Amado Mendes

Número do candidato: 30000399

Junho de 2024

Lisboa

Agradecimentos

Primeiramente quero dedicar e agradecer a minha mãe e aos meus irmãos porque, dentre todos os amores, estes são incondicionais.

Quero agradecer ao Rui pela paciência e incentivo diário para nunca desistir.

Quero agradecer aos Professores Doutores: Duarte Manuel Freitas e José Amado Mendes pela paciência e pela fé em mim depositadas.

Quero agradecer a todos os meus professores da UAL – Universidade Autónoma de Lisboa pelo carinho, dedicação e disponibilidade.

Quero agradecer aos colegas de curso em especial à Patrícia por toda preocupação e apoio.

E quero agradecer aos meus amigos que estão longe e fazem-se sempre perto e os que estão perto e fazem-se sempre presentes.

Resumo

A proposta para esta dissertação é demonstrar a importância de reconstituir e reconstruir o Património Industrial de Portugal e demonstrar que os edifícios fabris merecem uma segunda oportunidade de contar a sua história. Este trabalho procura resgatar e reavivar a memória sobre uma das mais célebres fábricas têxteis portuguesas: a Fábrica de Malhas Simões & Cia. Ld.^a. Analisar-se-ão as mudanças ocorridas no espaço geográfico, onde funcionou por 80 anos, e como sua instalação mudou de forma significativa a paisagem de uma zona saloia para uma zona notadamente urbanizada. A Fábrica Simões atualmente pertence ao imaginário popular da freguesia de Benfica e tem um lugar reservado na história do Património Industrial Português. Apresentou-se como um empreendimento de muita importância para o progresso dessa localidade lisboeta, onde hoje localiza-se uma tradicional e célebre freguesia da capital. Um empreendimento que se confunde com a história do bairro e que fomentou o desenvolvimento e o progresso local, tornando-se um baluarte económico e social para essa comunidade. Pretende-se, com este trabalho, alertar para a existência de potenciais patrimónios industriais que se encontram abandonados e que por falta de uma legislação eficiente possam acabar deteriorados e esquecidos. Tentar-se-á, de igual modo, responder, entre outras, às seguintes questões: O património industrial português conseguirá encontrar meios de sobreviver a uma economia capitalista onde sua conservação e preservação dependem de interesses políticos e financeiros? Como equilibrar sua importância com o avanço tecnológico sem destruir seu legado histórico para as futuras gerações?

Palavras-Chave: Fábrica Simões; Urbanização; Indústria; Têxtil; Memória Coletiva

Abstract

The proposal for this master thesis is to demonstrate the importance of reconstituting and rebuilding Portugal's Industrial Heritage and demonstrating that factory buildings deserve a second opportunity to tell their story. This work seeks to rescue and revive the memory of one of the most famous Portuguese textile factories: Fábrica de Malhas Simões & Cia. Ld.^a. The changes that occurred in the geographic space, where it operated for 80 years, will be analyzed and how its installation significantly changed the landscape from a rural area to a notably urbanized area. The Fábrica Simões currently belongs to the popular imagination of the parish of Benfica and has a reserved place in the history of Portuguese Industrial Heritage. It presented itself as an undertaking of great importance for the progress of this Lisbon location, where today a traditional and famous parish in the capital is located. A development that is intertwined with the history of the neighborhood and that has encouraged local development and progress, becoming an economic and social bulwark for this community. The objective of this work is to raise awareness of the existence of potential industrial heritage sites that are abandoned and which, due to a lack of efficient legislation, could end up deteriorated and forgotten. An attempt will also be made to answer, among others, the following questions: Will Portuguese industrial heritage be able to find ways to survive a capitalist economy where its conservation and preservation depend on political and financial interests? How to balance its importance with technological advancement without destroying its historical legacy for future generations?

Keywords: Simões Factory; Urbanization; Textile Industry; Collective Memory

Índice

Introdução.....	10
1. Enquadramento teórico e espaço-temporal.....	13
1.1. Arqueologia Industrial e Património Industrial.....	13
1.2. Metodologia	16
1.3. Benfica	19
1.4. Origem do Nome.....	21
1.5. Junta de Freguesia de Benfica.....	23
1.6. Ribeira de Alcântara	25
2. Fundação e “homem forte” da administração.....	29
2.1 – José Simões Moreira.....	29
3. Espaços e equipamentos industriais	33
3.1. Fábrica Simões: espaço físico e enquadramento geral	33
4. Produção, produtos e publicidade	44
4.1. Produção têxtil.....	44
4.2. Marketing & mercado.....	47
5. Recursos Humanos.....	53
5.1. Projetos Sociais.....	53
5.2. O trabalho feminino	58
5.3. PREC	61
5.4. Greve: Uma luta social	62
6. O renascer do edifício	66
6.1. Resistência popular	66
7. Conclusão	73
Bibliografia.....	77
Anexos	82

Lista de Acrónimos

APAI – Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial

APPI – Associação Portuguesa para o Património Industrial

COPCON – Comando Operacional do Continente

CDU – Coligação Democrática Unitária

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

DRCLVT – Direção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo

FMI – Fundo Monetário Internacional

GAPS – Grupo Autónomo do Partido Socialista

ICOMOS – Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios

IGESPAR, I.P. – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IIM – Imóvel de Interesse Municipal

IIP – Imóvel de Interesse Público

MFA – Movimento das Forças Armadas

MN – Monumento Nacional.

PCP – Partido Comunista Português

PS – Partido Socialista

PDM – Plano Diretor Municipal

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

PREC – Processo Revolucionário em Curso, também conhecido como Período Revolucionário em Curso

TICCIH – Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial

TT – Torre do Tombo

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa da região de Benfica	21
Figura 2 – Junta de Freguesia de Benfica	23
Figura 3 – Cine Clube Benfica	24
Figura 4 – Ribeira de Alcântara.....	25
Figura 5 – Planta Topográfica da Fábrica Simões.....	26
Figura 6 – Percurso da Ribeira de Alcântara.....	27
Figura 7 – Planta do Troço do canteiro de Alcântara ocupado pela Fábrica Simões	28
Figura 8 – José Simões Moreira	30
Figura 9 – Foto do campo do Benfica e ao fundo a Fábrica Simões	35
Figura 10 – Fábrica Simões localização na Rua Gomes Pereira	35
Figura 11 – Benfica.....	37
Figura 12 – Foto da Fábrica Simões	37
Figura 13 – Foto da Fábrica Simões & Cª Lda. Publicada na Revista da Associação Industrial Portuguesa.....	38
Figura 14 – Fachada em L.....	39
Figura 15 – Entrada principal através da Rua Gomes Pereira.....	39
Figura 16 – Visita dos profissionais do comércio à fábrica simões	41
Figura 17 –Tear.....	42
Figura 18 – Tear para meias finas.....	42
Figura 19 – Salão do 2º piso do corpo principal.....	43
Figura 20 – Revista Colonial nºs. 16-17	44
Figura 21 – Anúncio da Fábrica Simões na Revista Colonial nºs. 16-17	45
Figura 22 – Publicidade dos produtos da Fábrica Simões	46

Figura 23 – Propaganda na Revista Ilustração	48
Figura 24 – Comercial das meias CD	49
Figura 25 – Anúncios das meias CD.....	50
Figura 26 – Anúncios na Revista Olisipo.....	51
Figura 27 – Anúncio na Revista Municipal.....	51
Figura 28 – Posto médico ao lado da sala das caldeiras	53
Figura 29 – Planta das instalações da Fábrica Simões.....	54
Figura 30 – Creche da Fábrica Simões	54
Figura 31 – Creche da Fábrica Simões	55
Figura 32 – Creche da Fábrica Simões	55
Figura 33 – Classe de Ginástica Feminina no pátio interior da Fábrica Simões	56
Figura 34 – Componentes do grupo cultural e desportivo da Fábrica Simões em visita à redação do Jornal “O Século”	56
Figura 35 – Cartão do Grupo Excursionista da Fábrica Simões (1942)	57
Figura 36 – Confraternização de natal da Fábrica Simões.....	57
Figura 37 – Confraternização de natal da Fábrica Simões.....	58
Figura 38 –Vista aérea da Fábrica Simões	66
Figura 39 – Incêndio na Fábrica Simões.....	67
Figura 40 – Villa Simões.....	67
Figura 41 – Petição para ser impressa para recolhimento de assinatura	68
Figura 42 – Cartaz de convocação para a comunidade debater o destino da Fábrica Simões	68
Figura 43 – Fotos da Fábrica Simões mostrando os danos causados pela ação do fogo .	70
Figura 44 – Início das obras do Projeto “Fábrica 1921”	71
Figura 45 – Protótipo do novo projeto para ocupar o espaço da Fábrica Simões	72
Figura 46 – Montagem fotográfica da Fábrica Simões.....	75

Lista de Gráficos

Gráficos 1 – Entrevistas com pessoas (15-25 anos)	18
Gráfico 2 – Entrevistas com pessoas (26-56 anos)	18
Gráfico 3 – Entrevistas com pessoas a partir dos 57 anos	19

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Capital Social	40
Tabela 2 – Força de Trabalho	59
Tabela 3 – Disparidade Salarial.....	60

Lista de Anexos

Anexo 1 – Revista da Associação Industrial Portuguesa	82
Anexo II – Moradia da Família Simões	85

Introdução

A reutilização e revitalização de espaços que anteriormente funcionavam como indústrias ou fábricas não mais nos surpreende. Existem muitos investidores interessados na localização de tais empreendimentos, uma vez que, na sua maioria, ocupam lugares considerados nobres nas cidades e despertam os interesses dos construtores e consumidores imobiliários. Esta importância torna-se evidente à medida que estudamos o aumento das populações urbanas e a origem de conflitos ligados à falta de moradia.

Ao contar a história da Fábrica Simões, o objetivo da presente dissertação passa por promover uma reflexão com vista a mensurar o valor histórico da referida unidade fabril, não só pela longevidade da sua existência, mas também pela sua importância na construção da memória patrimonial e cultural portuguesa, porque a história de Portugal ficaria incompleta sem quaisquer registos do seu património industrial e o reaproveitamento destes espaços evidencia uma sociedade que valoriza tanto seu passado remoto quanto seu passado mais recente.

O primeiro capítulo do estudo que ora se apresenta discorre sobre o enquadramento espaço-temporal e procura demonstrar o local privilegiado em que foi construída a Fábrica Simões e as suas características gerais.

Como poderemos mensurar a importância de uma fábrica ou de uma indústria no contexto histórico e local em que esteve inserida? Uma das respostas para a pergunta poderia passar pela compreensão do perfil empreendedor do seu fundador. Por isso, o segundo capítulo será dedicado a José Simões Moreira, sócio principal, também caracterizado como um visionário humanista.

O terceiro capítulo será dedicado aos espaços e equipamentos industriais, considerados vanguardistas à época da fundação, e rivalizavam com os de outros países industrializados.

O quarto capítulo tem como objetivo esmiuçar a produção, e analisar os tipos de publicidade utilizada pela Fábrica Simões, área que investiu em um nicho de mercado específico, em particular para a elite portuguesa, confeccionando produtos de qualidade superior e a um preço acessível apenas a uma pequena parcela da população.

O quinto capítulo versa sobre os recursos humanos e importância dada a projetos sociais, considerados inovadores para o início do século, incluindo ainda as especificidades do trabalho feminino desenvolvido na Fábrica, as dificuldades

atravessadas no tempo do PREC, as lutas sociais por melhores condições trabalhistas e o advento das greves como forma de protesto.

Pretende-se, com o sexto capítulo, compreender o projeto de requalificação do antigo complexo industrial, com vista à construção de uma zona residencial e comercial, refletindo ainda sobre a preocupação e resistência popular ocorrida, que pretendeu o reaproveitamento do espaço industrial como ente patrimonial.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar por completo o objeto de estudo, mas sim apresentar respostas às questões formuladas ao longo da presente narrativa e compreender, no âmbito dos estudos patrimoniais, que futuro poderá ser dado a este passado, isto é, como recuperar os valores (materiais e imateriais) de um tempo e enaltece-lo através da sua recuperação e preservação numa sociedade contemporânea onde o imediato e o proveito financeiro imperam?

Cabe aqui citar que a Fábrica Simões teve uma forte contribuição para a poluição das águas da Ribeira de Alcântara, a qual era utilizada para depositar os restos de sua produção. Não desvalorizando a pertinência de tal impacto ambiental, que é de suma importância, mas não sendo o foco desta pesquisa não aprofundaremos este tema. Este trabalho incorrerá, então, como prioridade em analisar o caráter desenvolvimentista e urbanista que a Fábrica Simões trouxe para o local em que fora instalada.

Dissertar-se-á aqui sobre a história de uma empresa que teve seu espólio vilipendiado, o qual, com o devido estudo de sua importância histórica para Portugal, poderia ter sido transformado em um edifício promissor e com outras atribuições e não apenas em uma fachada que não faz jus à sua importância para o desenvolvimento da freguesia que ajudou a povoar.

É considerada uma das fábricas de grande relevância para a economia de Portugal no início do século XX. Para contar sua história será perscrutada a sua trajetória existencial (1907-1987), o que, em termos historiográficos, é um tanto quanto modesto, mas em termos quantitativos fornece-nos uma quantidade significativa de informações para serem analisadas.

Um dos motivos para a escolha deste tema foi a percepção de que as mudanças temporais e urbanísticas atualmente acontecem a uma grande velocidade. Vinculada a esta situação, existe ainda uma contínua e desmedida quantidade de informações a que somos bombardeados todos os dias e estes constantes avanços tecnológicos acabam por desviar toda a nossa atenção para o futuro e essa sensação efémera de um futuro tão

próximo acaba por criar um certo paradoxo, pois esquecemos cada vez mais nosso passado, inclusive o mais próximo dos nossos dias.

Um fato que pode ser considerado como um desleixo histórico na atualidade é a perda rápida de vestígios de nosso património industrial. O dinamismo das cidades faz com que estas sofram constantes transformações e renovações de seus espaços para suprirem necessidades de todas as ordens, sejam sociais, económicas, culturais ou estruturais. Essa cultura material serve de estudo para arqueólogos, historiadores e outros estudiosos preocupados em manterem registos para tentarem entender o comportamento das sociedades através do tempo e salvaguardarem o que ainda resta de tão importante património.

Uma dessas preocupações incorre sobre a sociedade industrial e o estudo dos vestígios produzidos por essas sociedades. Ao estudar a história da Fábrica Simões conseguimos compreender as preocupações sobre estas considerações, pois o seu trajeto mostra-nos a ocupação de uma zona erma do termo de Lisboa, a transformação urbanística da zona envolvente e sua influência na vida cotidiana do bairro. Devido à importância histórica que adquiriu, após o seu encerramento houve várias tentativas de revitalizar o espaço, até ser abandonada, originando incêndios e alguns desmoronamentos.

A falta de manutenção do espaço levou à quase ruína completa de um elemento patrimonial lisboeta de grande valia, restando do edifício imponente, que se destacava no céu de Benfica, apenas uma pequena fachada que hoje se encontra integrada num conjunto habitacional construído no mesmo logradouro, intitulado «Fábrica 1921»¹.

Será contada aqui a história da «morte» precoce de uma instituição que, por falta de empenho das autoridades em recuperar um espaço tão emblemático, acabou sentenciada a um ostracismo definitivo, sendo decretado um fim inglório a um edifício que faz parte da memória coletiva da comunidade de Benfica e da memória historiográfica de Portugal.

¹ <https://www.fabrica1921.pt>

1. Enquadramento teórico e espaço-temporal

Antes de iniciarmos a abordagem sobre o tema principal desta dissertação serão apresentadas algumas informações pertinentes de instituições importantes no âmbito do Património Industrial Português e alguns conceitos gerais sobre a cultura industrial em Portugal.

O trabalho aqui apresentado seguirá explanando sobre a metodologia e o contexto sob o qual foi produzido, fornecendo o enquadramento metodológico e as dificuldades encontradas nas pesquisas das fontes. Na delimitação temporal e espacial será demonstrado a localização privilegiada da Fábrica Simões em Benfica, um dos maiores e mais antigos bairros lisboetas, que atraiu a instalação da referida fábrica pelas suas características singulares. Formado, em sua maioria, por zonas planas, banhado por um leito de água e cruzado por largas avenidas, que poderiam favorecer o escoamento da produção, tais particularidades acabaram influenciando a instalação da fábrica têxtil nos seus arredores.

O bairro também possui uma singularidade que o deixa mais popular, divide o seu nome com um famoso e popular clube de futebol português. A história de Benfica se confunde com a da própria capital e reflete os anseios de melhoria de uma antiga população saloia que, através da instalação de uma fábrica de malhas, garantiu um progresso urbanizador e transformou um espaço bucólico em um bairro moderno de aspirações burguesas e um destino habitacional desejável.

1.1. Arqueologia Industrial e Património Industrial

Existe uma gama diversa de concepções inseridas no âmbito da arqueologia industrial e do património industrial. Não serão aqui discutidos tais conceitos e suas discrepâncias, uma vez que, não raras vezes, acabam por se complementar. As considerações sobre o tema serão aqui apresentadas de uma maneira sucinta, conquanto sem negligenciar a sua importância.

Para esta dissertação, foi escolhido o conceito aprovado no texto da Carta sobre o Património Industrial no encontro trienal, em Nizhny Tagil (2003), e “protocolado pelos

delegados reunidos na Assembleia Geral do TICCIH”², a “organização mundial consagrada ao património industrial, sendo também o consultor especial do ICOMOS”³ para esta categoria de património.

Saliente-se que o ICOMOS:

É uma organização não-governamental mundial associada à UNESCO que se dedica a promover a teoria, a metodologia e a tecnologia aplicada à conservação, proteção e valorização dos monumentos, conjuntos e sítios. O ICOMOS é uma rede de especialistas e beneficia das trocas interdisciplinares entre os seus membros, formado principalmente por arquitetos, historiadores, arqueólogos, historiadores da arte, geógrafos, antropólogos, engenheiros e urbanistas.

De acordo com a já citada carta:

O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação⁴.

O mesmo documento designa arqueologia industrial:

Como um campo de conhecimento interdisciplinar, investiga uma ampla gama de elementos, incluindo vestígios materiais e imateriais, documentos, artefatos, estratigrafia, estruturas, assentamentos humanos e paisagens naturais e urbanas, associados a processos industriais. Utilizando métodos de investigação apropriados, busca aprofundar nossa compreensão do passado e presente industriais. O período histórico de maior relevo para este estudo estende-se desde os inícios da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, até aos nossos dias, sem negligenciar as suas raízes pré e proto industriais. Para além disso, apoia-se no estudo das técnicas de produção, englobadas pela história da tecnologia⁵.

Conforme Carolina Lucena Rosa:

A construção do conceito de património industrial operou-se por meio da redefinição e reapropriação dos vestígios da produção industrial, de modo que estes, antes vistos como traços pouco importantes de atividades económicas, passassem a ser dotados de um valor patrimonial. A mudança do olhar sobre os vestígios industriais emergiu a partir do confronto com o seu paulatino desaparecimento na Europa na segunda metade do século XX. A devastação da Segunda Guerra Mundial e o fenómeno da desindustrialização provocavam, por um lado, a obliteração e, por outro, a valorização das marcas da industrialização europeia⁶.

² *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage.*

³ Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios.

⁴ <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.

⁵ *Ibidem.*

⁶ ROSA, 2011, p.1.

Atualmente, há uma grande preocupação em proteger e estudar o Patrimônio Industrial, inclusive os datados de períodos temporais mais recentes. Como, então, devemos olhar, no início do século XXI, para vestígios materiais e imateriais que desempenharam uma função na modelação urbana ou na estrutura econômica, social e cultural da sociedade contemporânea?

Um dos muitos caminhos a percorrer é a revitalização desses espaços, através do estudo e catalogação de suas histórias, onde muitas se entrelaçam, de acordo com o raciocínio de José Amado Mendes em “O património industrial na museologia contemporânea: O caso português” (MENDES, 2002, p.3)⁷:

A exemplo do verificado no século XIX, quando fábricas foram instaladas em antigos conventos e mosteiros desativados – na sequência da extinção das ordens religiosas, em 1834 –, também a partir de meados do século XX a desindustrialização, nuns casos, e a modernização de tecnologia e estruturas, noutros, deixaram vagos numerosos edifícios, suscetíveis de reutilização para novos fins [...]. Temos em território português vários exemplos de reutilização de antigas instalações industriais ou de equipamentos coletivos para finalidades diversas. Pode-se dentro deste contexto citar como exemplos os museus, instalados em estruturas industriais ou afins desativadas, integram-se no mesmo ramo das antigas funções, pelo que a questão da memória e do património são desse modo reforçados. Noutros casos, as instalações foram adaptadas a novas funções, desligadas da atividade outrora exercida, pelo que só aquelas invocam o seu passado e a sua história, [...] além de poderem contribuir para fomentar o desenvolvimento económico, social e cultural dessas regiões – com destaque para o contributo que podem e devem dar ao turismo cultural e industrial –, são ainda fatores de identidade das próprias comunidades que, por essa via, se sentem reconhecidas e recordadas, ao mesmo tempo que verificam não terem sido esquecidos a memória e o legado transmitido pelos seus antepassados.

O património industrial e a arqueologia industrial constituem áreas interdisciplinares e multidisciplinares, uma vez que, para a análise de vestígios industriais é necessário a participação de diversos especialistas. De maneira sucinta, pode-se afirmar que o património industrial engloba os resquícios técnico-industriais, os equipamentos, os edifícios, os produtos, os documentos de arquivo e a própria organização industrial, tornando-se objeto de estudo da arqueologia industrial.

⁷ Disponível em: <http://ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf>.

1.2. Metodologia

O processo metodológico nos faz entender como fazer ciência por intermédio das escolhas que fazemos. Existem uma imensa variedade de caminhos para chegarmos a resultados específicos e satisfatórios. Conforme refere MATTOS (2020, p.45-46):

O cientista torna-se crítico por meio de suas escolhas, principalmente, pelo tipo de cientista que quer ser, capaz de fazer a autoavaliação de suas potencialidades investigativas e promover a autoconsciência do trajeto já realizado e por realizar [...]. Nessa perspectiva, a determinação da metodologia implica o conhecimento do objeto de estudo que é exterior ao pesquisador, da subjetividade e criatividade do cientista e da relação estabelecida entre sujeito e objeto. Implica, ainda, o registo objetivo da realidade pesquisada, o que exige do cientista a observação dos fatos ou fenómenos, problematizando-os para alcançar uma análise crítica e reflexiva, composta por resultados válidos e verdadeiros.

Ao acompanhar este raciocínio, merece mencionar aqui alguns empecilhos encontrados na produção deste trabalho, que levou à alteração da logística desenvolvida na confeção dessa dissertação de modo a tentar chegar a um consenso que levasse ao entendimento da importância deste Património Industrial para Portugal. A fábrica de malhas Simões não era uma empresa pública, portanto, a dificuldade de acesso a seu espólio tornou a pesquisa ainda mais desafiadora.

No primeiro momento a opção escolhida foi a confeção de um questionário com perguntas básicas sobre a história e funcionamento da fábrica, mas um dos maiores obstáculos foi a indisponibilidade dos residentes em respondê-lo.

A procura nos arquivos municipais foi então intensificada, com visitas agendadas na Torre do Tombo, no Arquivo Fotográfico Municipal e no Arquivo Municipal de Lisboa, situado no Bairro da Liberdade. Apesar dos arquivos já possuírem muito material digitalizado, tal fato não eximiu que fosse feita uma vasta procura e se despendesse uma grande quantidade de carga horária para pesquisar *in loco*, pois ainda existe uma grande quantidade de informação em arquivos físicos.

A empresa em questão encerrou seus trabalhos em 1987 e seu espólio encontra-se no Arquivo Municipal com a especificação de Obra nº. 41990, divididos em oito volumes. A maior dificuldade aqui encontrada para o acesso à referida obra foi o agendamento via *internet*, pois ficamos sujeitos à oferta de determinado dia, tempo e horário para pesquisa, o que na maioria das vezes não é suficiente para examinar todo o material disponibilizado, tendo que remarcar novamente via página *online* do Arquivo Municipal e aguardar que surja uma vaga independente da nossa disponibilidade.

Foram escrutinadas, também, as páginas oficiais da Junta de freguesia de Benfica na *internet* que disponibilizaram algumas informações acerca da fábrica e foram encontradas postagens com referência a Fábrica Simões em vídeos do Projeto Benfica *Footstep*, um percurso pedonal pelo bairro de Benfica idealizado pela Junta de Freguesia e realizado pela “blatstudio”⁸, que está *digitalizado* e dispõe de um aplicativo com indicações dos principais pontos turísticos do bairro, incluindo um pequeno resumo da história da Fábrica de Malhas Simões.

Foi utilizada para investigação a página *online* “Fábrica 1921”, empreendimento imobiliário que substituiu o espaço da Fábrica Simões, onde, encontra-se disponível uma entrevista gravada em vídeo com duas ex-funcionárias da fábrica, para a revista “Time Out”, que deixam um testemunho vivo e corrobora a afirmação neste trabalho da preocupação do sócio fundador José Simões com o bem-estar de seus funcionários.

Tentando um diagnóstico do quanto as pessoas que moram no bairro se lembram da Fábrica, foram feitas diversas entrevistas com os transeuntes em frente a fachada da antiga fábrica, perguntando sobre o empreendimento ali construído e o que sabiam do edifício que ali existiu. O resultado nos faz acreditar que um trabalho desta natureza urge para com todos os outros edifícios devolutos que representem importância histórica para Portugal, antes que se deteriore a ponto de perderem sua importância económica e social ou se percam no esquecimento à medida que a velocidade tecnológica avança.

Procurando testar a memória coletiva dos moradores de Benfica, foram abordados, aleatoriamente, transeuntes que passavam na calçada próximo à Fábrica e também pessoas em diversas ruas e localidades do Bairro de Benfica como: Estrada de Benfica, Avenida Gomes Pereira, Rua da Venezuela, Rua República da Bolívia, Avenida do Uruguai, Centro Comercial Fonte Nova e Mercado de Benfica. Procedemos à elaboração das seguintes perguntas: Saberias dizer o que havia no lugar onde hoje está sendo construído o Projeto “Fábrica 1921” na rua Gomes Pereira? Conheces a Fábrica Simões? Sabes dizer o que era produzido na Fábrica Simões? Conheces alguma história da Fábrica Simões? Muitos limitavam-se a seguir adiante sua jornada sem ao menos deixar um cumprimento e, diante da relutância das pessoas em responder tais perguntas, principalmente, alegando não ter tempo, o planeamento foi reorganizado e novas estratégias foram traçadas.

⁸ <https://www.blatstudio.com/project/benfica-footsteps>.

Tais comportamentos apreensivos talvez estivessem ligados às mudanças comportamentais advindas da pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19), que deixaram as pessoas mais relutantes em interagir com outras. Um novo critério fora então criado para abordar as pessoas de uma maneira menos invasiva. A entrevista foi simplificada e reduzida a uma simples pergunta para que se respondessem “sim” ou “não” à seguinte questão: “Conheces a Fábrica Simões?”

Foi coletada uma amostra de 180 pessoas entrevistadas, das quais:

- 70 pessoas tinham entre os 15 e os 35 anos e destas apenas 24 disseram saber da existência de uma fábrica naquele local (Gráfico 1).
- 60 pessoas tinham entre os 36 e os 56 anos e, de entre estas, 28 sabiam da existência da fábrica (Gráfico 2).
- 50 pessoas tinham mais de 57 anos e 43 responderam positivamente (Gráfico 3).

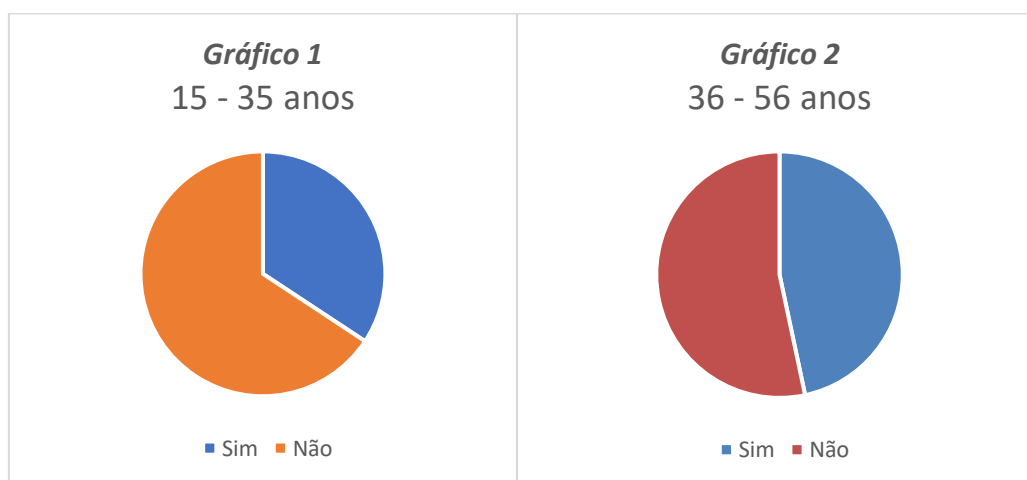


Gráfico 1 – Entrevista (15-25 anos).

Gráfico 2 – Entrevista (26-56 anos).

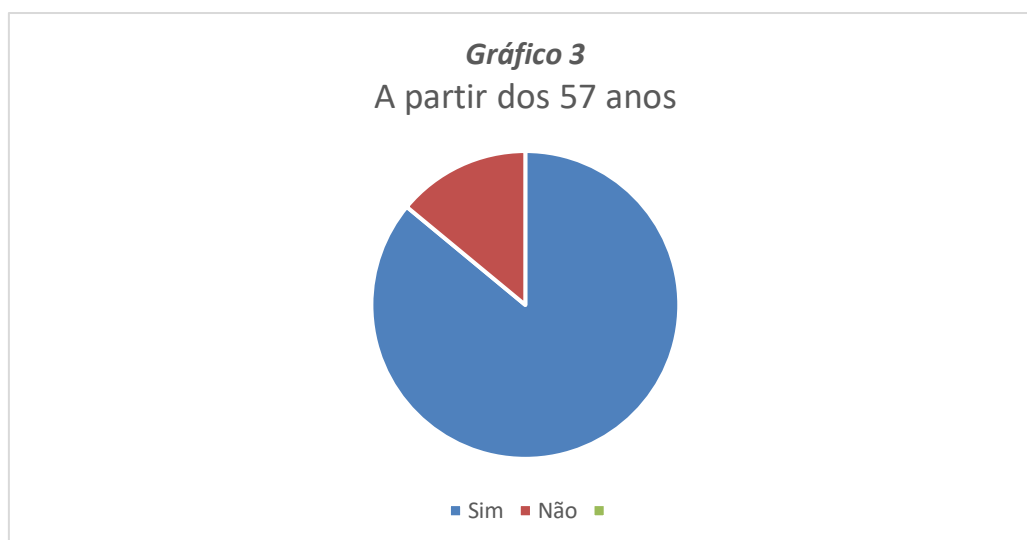


Gráfico 3 – Entrevistas com pessoas a partir dos 57 anos.

A partir da informação contida nos gráficos, algumas considerações podem ser observadas: a nova maneira de manipular as informações produzem uma juventude muito focada no presente e descarta o passado, mesmo que próximo de sua realidade; ainda existe uma parcela considerável da comunidade que se preocupa com sua história local e uma parcela da população mais envelhecida que ainda guarda registos da importância histórica dos seus edifícios.

1.3. Benfica

Apesar de pertencer a uma cidade, todo o bairro possui uma identidade própria, criada pelo convívio entre os seus moradores. Estes apresentam comportamentos sociais específicos e criam uma ligação entre cada indivíduo detendo interesses congruentes, o que fortalece o vínculo como grupo, já que, conquanto heterogéneo, possui aspirações comuns.

O bairro representa um elo que liga cada residente do seu território entre si pelas leis consuetudinárias criadas pelo compartilhamento do ambiente cultural em que vivem. A melhoria do bairro expressa a melhoria da própria convivência entre a população. O termo «bairrista»⁹ exprime esse afeiçoamento das pessoas ao seu bairro, à sua terra.

⁹ <https://dicionario.priberam.org>.

A localidade escolhida para este trabalho pertence a um bairro que acompanha o desenvolvimento da sociedade portuguesa, nomeadamente a lisboeta. Benfica representa, hoje, um espaço que oferece uma boa infraestrutura urbana e consegue suprir todas as necessidades de seus moradores, desde a alimentação, vestuário, educação, saúde e lazer. É um bairro que tem *status* de nobreza, sem descuidar de seu valor histórico.

E para contar a riqueza histórica em toda sua amplitude, precisaríamos de muito tempo, o que não é justificável mediante a natureza deste trabalho. Por isso, será mostrado algumas de suas características mais importantes e será fornecido alguns dados para ajudar a contextualizar sua história com a da Fábrica Simões.

“Benfica é uma freguesia portuguesa do concelho de Lisboa, com 8,03 km² de área e, segundo o recenseamento do ano de 2021, possui 35 362 habitantes e uma densidade populacional de: 4403,7 hab./km².”¹⁰ Destaca-se dos outros bairros por sua riqueza natural, “englobando dois terços do Parque Florestal de Monsanto, com cerca de aproximadamente 1000 hectares, sendo o maior parque verde de Lisboa e um dos maiores da Europa”¹¹, conforme nos mostra o mapa da Figura 1, onde as linhas em vermelho marcam a delimitação do bairro de Benfica e conseguimos visualizar sua abrangência sobre o complexo florestal.

¹⁰ https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt.

¹¹ <https://www.jf-benfica.pt/freguesia/junta-de-freguesia/>.

Esta porção de território também partilha alguns relatos para explicar o nascimento de seu nome. De entre essas histórias (PROENÇA, 2004, pp.12-13) narra duas versões, sendo a primeira:

Vivia uma donzela raptada por um mariolão¹⁴ qualquer e já vivendo em paz e casada com o raptor arrependido. Passando D. Pedro I pela região e ao ficar sabendo do ocorrido, mandara matar-lhe o marido, embora todos dissessem que a pobre mulher pior ficaria abandonada do que ligada a um homem, ainda que de baixo estofo, não demoveu o rei da sua decisão. O que o rei chamaria justiça e nós vingança, teria remediado tudo, dando à pobre viúva um marido rico e dizendo aos que o rodeavam: «agora bem fica, bem fica».

Na segunda versão:

“D. João I, ao dar a sua quinta de São Domingos aos padres dominicanos, visitando o lugar tão aprazível onde tinha a sua casa e vinha raramente, dissera para João da Regras que a tinha pedido para os frades seus amigos aqui «bem fica» o convento”.

Deixando o território das lendas, PROENÇA (2004, pp.12-13) afirma em sua obra que, no século XIII, no “Livro das Calendas”:

Encontra-se uma disposição documentária que nos dá certeza de existir um lugar com este nome em 1263 e, assim, do traslado do testamento de Sylvestre Estevez, contador do Rei, feito neste mesmo ano e copiado em 16 de julho de 1441, certifica-se que ele deixava bens, em Benfica, à igreja de S. Estevão, com a obrigação de lhe fazerem sufrágios anuais. Não se conseguiu-se verificar a existência em Benfica de uma igreja de S. Estevão, uma vez que na época da citada igreja as fronteiras de Benfica não obedeciam aos limites atuais.

Corroborar-se então, a afirmação do Padre Álvaro Proença¹⁵ quando nos diz que:

O mais acertado é dizer que nada se sabe acerca do nome dado à freguesia. E, se alguma hipótese poderá ter foros de certa probabilidade, essa é a dos que afirmam merecer o lugar esse nome não só pela privilegiada situação como pela abundância de água e arvoredo que o tornavam um dos mais aprazíveis dos arredores de Lisboa.

Ainda segundo PROENÇA (2004, p. 09):

“Benfica seria uma velha freguesia de saloios, cultivadores de terra e de lavadeiras, lugar de veraneio delicioso e de convívio ameno entre gente rica que para estas bandas tinha as suas quintas e palácios. Um dos mais deliciosos e poéticos lugares do termo de Lisboa”.

¹⁴ <https://www.infopedia.pt/22íngua22rios/22íngua-portuguesa/mariol%C3%A3o>.

¹⁵ PROENÇA, 2004, pp. 12-13.

1.5. Junta de Freguesia de Benfica

A Junta de Freguesia de Benfica encontra-se instalada num edifício imponente e importante para compor a história dessa região, à medida que cria políticas públicas visando melhorar os níveis de vida de sua comunidade.

A primeira junta de Freguesia em Benfica “foi criada em 1836”¹⁶ e hoje, como as demais existentes em Portugal, “possui uma legislação consolidada, que estabelece o quadro de competências, assim como o regime jurídico de funcionamento, dos órgãos do município. Essa legislação, que se reflete na Lei 169/99 de 18 de setembro”¹⁷, vem regular a governação e garantir direitos e estabelecer deveres para garantir uma boa convivência no bairro.



Figura 2 – Junta de Freguesia de Benfica¹⁸.

¹⁶ PROENÇA, 2004, p. 429.

¹⁷ https://dre.pt/web/guest/analisejuridica/-/aj/30812559/init/maximized?p_p_auth=BZl7Vnjj&mode=dt.

¹⁸ <https://informacoeseservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/junta-de-freguesia-de-benfica>.

A junta da Freguesia em «tempos idos» também já sediou uma sala de cinema.



Figura 3 – Cine Clube Benfica¹⁹.

Inaugurada em 1915, e durante muitos anos foi a única sala de cinema na freguesia. O edifício foi sede do Sport Lisboa e Benfica, de 1916 até 1978, onde estavam instalados os serviços administrativos do clube bem como diversas modalidades praticadas à época, das quais se destaca o futebol e o hóquei em patins. O designado Campo de Benfica estava localizado na Quinta de Marrocos, nas traseiras da sede do clube²⁰.

“A partir de 1978 o edifício que pertencia à Câmara Municipal de Lisboa passaria a sediar a Junta de Freguesia de Benfica. O edifício possui um carácter neorromântico, sito à Avenida Gomes Pereira, nº 17”²¹. Faz fronteiras com o espólio das instalações da Fábrica Simões

¹⁹ bit.ly/3zn7wMB.

²⁰ https://www.jf-benfica.pt/wp-content/uploads/2017/05/FOOTSTEPS-site_reduced.pdf.

²¹ *Ibidem*.

1.6. Ribeira de Alcântara

Outra menção basilar sobre a zona de Benfica é a presença de uma ribeira que, conforme relata PROENÇA (2004, p.10), “atravessava e fertilizava todo o vale e fornecia preciosa água para quintas e hortas. Uma ribeira de águas límpidas que, saindo de Benfica, se encaminhava para Campolide e, cortando Alcântara, desaparecia no Tejo”.



Figura 4 – Ribeira de Alcântara²².

Não obstante outra referência, segundo a memória descritiva do anteprojeto da canalização da Ribeira de Alcântara, “sua bacia hidrográfica desempenhava uma função fundamental na rede de esgotos de Lisboa, função esta, cada vez mais acentuada à medida que a mancha de urbanização progredia do centro para a periferia da cidade”²³.

“Com a grande quantidade de dejetos o Riacho tornou-se uma ameaça para a saúde pública. A crescente urbanização tornou-o indesejável e um pesadelo para o olfato dos cidadãos”²⁴.

Desenvolveu-se então um Plano de Urbanização para melhorar o saneamento desta extensa zona da cidade, que era apontada constantemente como “foco de epidemias,

²² PROENÇA, 2004, p.09.

²³ Obra 41990 PT/AMLSB/CMLSBAH/PURB/002/04045, p. 3.

²⁴ PROENÇA, 2004, pp.10-11.

levando o município de Lisboa a considerar a canalização da Ribeira de Alcântara como problema imperativo a resolver”²⁵.

A presença deste riacho foi imprescindível para a implantação da Fábrica de Malhas Simões, uma vez que, como toda indústria têxtil da época, tinha necessidade de um leito de água para despejar as sobras da produção, principalmente do setor de tinturaria. Como pode ser observado na planta abaixo, a Ribeira passava ao lado da entrada principal da Fábrica Simões, cortando a Avenida Gomes Pereira e seguindo em direção à Quinta de Marrocos.

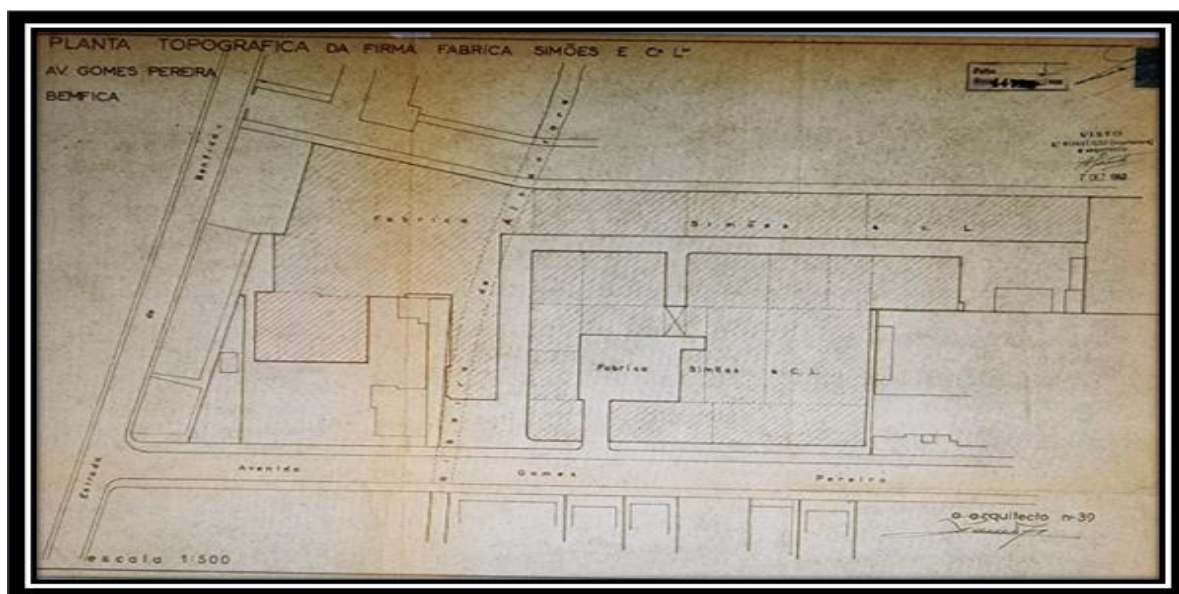


Figura 5 – Planta Topográfica da Fábrica Simões²⁶.

O troço da Ribeira que nos interessa para o presente estudo é a que tem sua nascente na Rua Emília das Neves e atravessa a Avenida Grão Vasco e vai esgueirando-se até a Avenida Gomes Pereira. “Posteriormente desagua na conduta que leva ao Tejo junto à Segunda Circular”²⁷ a qual, no seu trajeto, corta o terreno onde instalar-se-ia a Fábrica Simões.

As plantas seguintes mostram outros ângulos da trajetória da Ribeira de Alcântara em amarelo (sublinhado de própria autoria).

²⁵ Obra 41990 PT/AMLSB/CMLSBAH/PURB/002/04045, p. 4.

²⁶ Obra 41990 PT/AMLSB/CMLSBAH/PURB/002/04045, p. 3.

²⁷ PROENÇA, 2004, p.11.



Figura 6 - Percurso da Ribeira de Alcântara (Amarelo) grifado de vermelho o ponto onde a Ribeira cruza o espaço da fábrica²⁸.

²⁸ Obra 41990; volume 4; Processo 801/DSSEU/1/1951 – Tomo 1; Página 13.

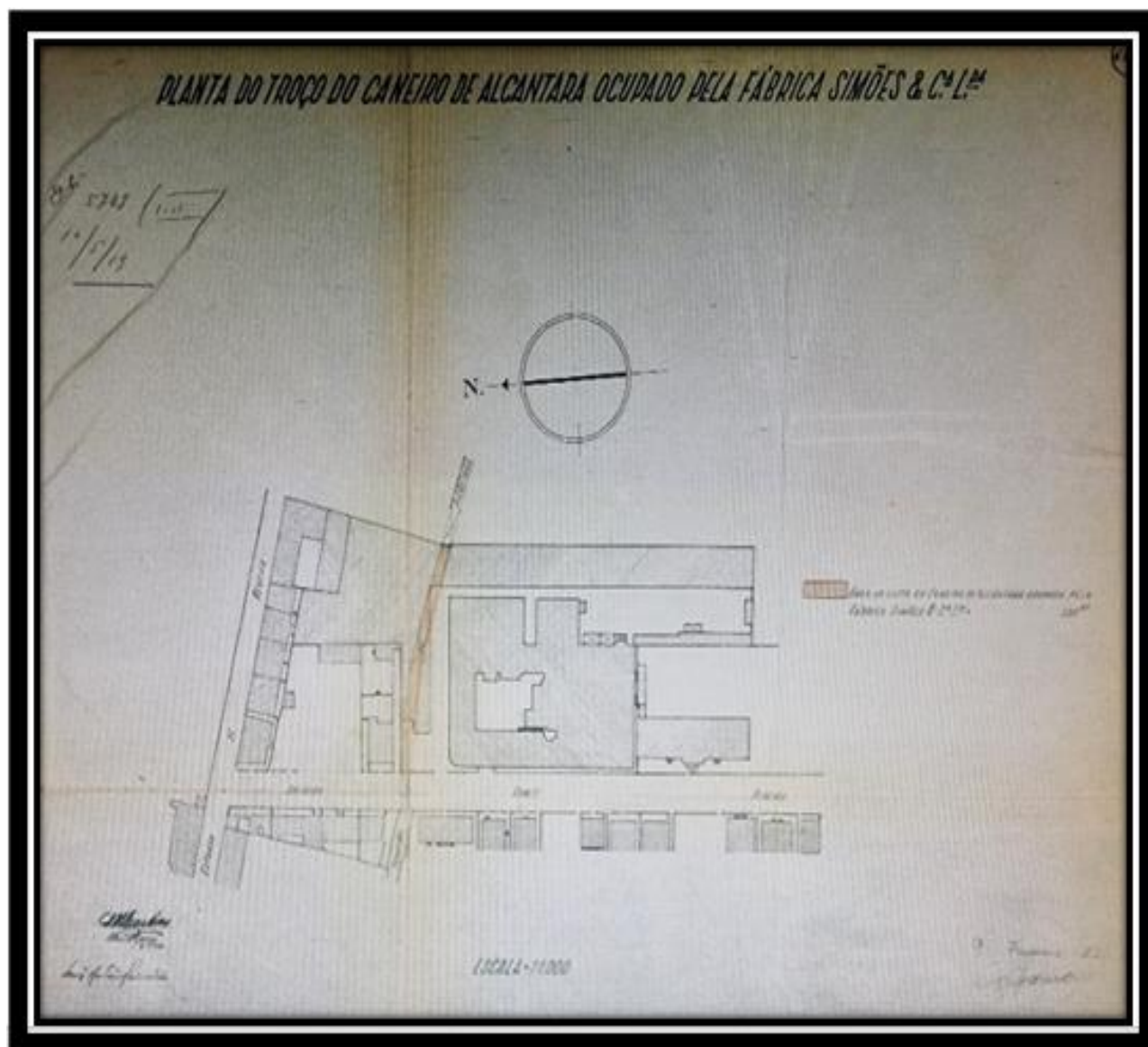


Figura 7 – Planta do Troço do canteiro de Alcântara ocupado pela Fábrica Simões²⁹.

²⁹ Obra 41990 PT/AMLSB/CMLSBAH/PURB/002/04045, p. 1.

2. Fundação e “homem forte” da administração

A compreensão do perfil do fundador da fábrica alvo do presente estudo é de grande importância, pois ele é responsável por tomar decisões estratégicas, liderar a empresa de acordo com os objetivos previamente delineados e garantir que todas as operações funcionem de maneira eficiente e eficaz.

Esta função vai além de simplesmente gerir o dia a dia da empresa. Ele é o visionário que identifica oportunidades de crescimento, desenvolvimento de novos produtos e serviços, expansão para novos mercados e adaptação às mudanças do ambiente empresarial. É ainda responsável por estabelecer uma cultura corporativa positiva e inspiradora, que promova a inovação, a colaboração e o desenvolvimento pessoal e profissional dos colaboradores. Motiva e orienta suas equipas, cultivando um ambiente de trabalho positivo e produtivo. Deve possuir excelentes habilidades de comunicação, capacidade de tomar decisões e possuir uma ética de trabalho exemplar. Deve possuir empatia e favorecer acessibilidade e demonstrar compromisso e responsabilidade de modo a atingir os objetivos económicos da empresa sem descuidar de suas características sociais e sustentáveis.

Embora correndo o risco de inculcar conceitos modernos a personalidades do passado, tais preceitos se encontram, como veremos, no perfil do sócio fundador da fábrica objeto deste estudo, José Simões Moreira.

2.1 – José Simões Moreira

José Simões Moreira foi um operário autodidata e sócio fundador da Simões & C.^a Lda. Fábrica de Malhas, um projeto pioneiro e dos mais avançados sistemas industriais portugueses para a época.



Figura 8 – José Simões Moreira³⁰.

“José Simões era um ávido admirador de Henry Ford (1863-1947)”³¹ e o funcionamento de sua fábrica deixava isso bem claro, seja na utilização da maquinaria ou nos projetos implementados para beneficiar seus empregados.

Ford era um discípulo das ideias de Frederick Winslow Taylor (1856-1915), considerado o pai da Administração Científica que formulou conceitos muito divulgados e seguidos nos princípios do século XX. O motivo pelo qual Ford utilizava as ideias de Taylor deveu-se ao grande aumento das indústrias que cresciam de forma desordenada e geravam desperdícios e perdas que poderiam ser evitadas. Taylor criou então, métodos e técnicas da engenharia industrial, na busca de elevar o nível de produtividade, maximizando a eficiência de cada uma das tarefas elementares, “a melhoria da deficiência de cada operário conduziria à melhoria em toda a empresa”³².

Segundo Idalberto Chiavinato:

A busca por essa especialização acabava por limitar cada operário à execução de uma única tarefa, de maneira contínua e repetitiva. A linha de produção (ou linha de montagem) tornou-se a sua principal base de aplicação. Essas ideias tiveram rápida utilização na indústria americana e estenderam-se rapidamente a todos os demais países e a todos os campos de atividades. A partir daí, o operário perdeu a liberdade e a iniciativa de estabelecer a sua maneira de trabalhar e passou a ser confinado à execução automática e repetitiva, durante toda sua jornada de trabalho, de uma operação ou tarefa manual, simples, repetitiva e padronizada³³.

Merece aqui a menção do filme *Tempos Modernos* de 1936, que aborda o conteúdo referente aos modelos de produção conhecidos como: Taylorismo e Fordismo.

³⁰ <https://www.fabrica1921.pt/historia/>.

³¹ OLIVEIRA, 1928, p. 23. (Anexo I).

³² CHIAVINATO, 2004, p. 53-72.

³³ *Ibidem*.

Na película protagonizada por Carlitos, personagem clássico de Charles Chaplin, a personagem retrata a vida urbana nos Estados Unidos no ano de 1930, demonstrando o cotidiano no ambiente fabril e como funcionavam os modos de produção industrial baseados na divisão e especialização do trabalho na linha de montagem.

O Taylorismo e o Fordismo eram modelos de produção baseados na divisão do trabalho, ou seja, cada operário ficava responsável por uma etapa do processo produtivo. A produção em massa deveria ser realizada no menor tempo possível, a repetição de exercícios por parte dos operários era tamanha que poderia causar a alienação dos mesmos.

Os empregados da fábrica de José Simões trabalhavam de forma semelhante, com horários alargados e cronometrados. José Simões chamava o seu processo de produção de fábrica de “«colmeia», só na sua primeira oficina mais de quinhentos teares faziam o processo conhecido como dobagem, trabalhavam de tal forma veloz e rítmica que criava a cadência de uma música zumbida.”³⁴.

Na sala de fabricação de meias finas diversas máquinas trabalhavam de forma rápida e cadenciada, maquinismos completos, perfeitos e moderníssimos e com técnicas de trabalho standardizadas. Na oficina de costura, faziam-se os acabamentos de peças fabricadas em outras seções, nesta sala encontravam-se 120 mulheres e 80 máquinas, trabalhando sem parar. Nas oficinas de reparações e construção reparavam-se e construíam-se todas as peças das máquinas da fábrica e até mesmo algumas das máquinas complexas como, por exemplo as de dobar ³⁵.

Segundo as palavras de José Simões «Máquinas como há poucas no país; operam maravilhas. Fazemos hoje coisas aqui que nos ficam pela metade do preço por que a teríamos vindas da Alemanha»³⁶.

Na oficina de tinturaria encontrava-se um dos gargalos da fábrica, que era a falta de mão de obra especializada, problema também partilhado por outras indústrias e que oneravam bastante o custo do produto nacional. “Na sala de cartonagem eram fabricadas as caixas que embalavam as mercadorias e ainda tinha a sala de engomadoria. Enquanto isso no armazém vislumbrava-se muitos milhares de caixas empilhadas”³⁷ a espera de saírem para seus destinos.

O repórter da *Revista da Associação Industrial Portuguesa* que, na sua primeira edição, efetuou uma visita na fábrica em 1928, ou seja, já estava instalada há sete anos

³⁴ https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE&ab_channel=JFBenfica.

³⁵ OLIVEIRA, 1928, p. 24. (Anexo I).

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

em Benfica, é uma das principais fontes para descrever as características físicas da Fábrica Simões.

“Ford não inventou o automóvel, nem mesmo a linha de montagem. Ford inovou na organização do trabalho: a produção de maior número de produtos acabados com a maior garantia de qualidade e pelo menor custo e tempo possível”³⁸. José Simões, através da utilização de equipamentos de última geração, buscava otimizar a produção e seguir os passos do célebre multimilionário americano.

“A morte de José Simões, em 1960, veio acentuar e ditar o declínio da Fábrica”. Um período de conturbados conflitos sociais culminou com o encerramento da unidade fabril na década de 80 do século passado³⁹.

³⁸ CHIAVINATO, 2004, p.65.

³⁹ Obra 41990 - PT/AMLSB/CMLSBAH/PURB/Proc. 80/ED2/11, p. 152.

3. Espaços e equipamentos industriais

Os espaços e equipamentos industriais são elementos fundamentais para o funcionamento eficiente e seguro das operações nas indústrias. Estes espaços, que variam desde fábricas a armazéns e instalações de produção, desempenham um papel crucial na fabricação de produtos e no armazenamento de matérias-primas e produtos acabados.

São espaços projetados com base nas necessidades específicas de cada tipo de indústria. Isso pode incluir considerações sobre o *layout* da fábrica, a disposição dos equipamentos, as áreas de armazenamento e os requisitos de segurança.

Além disso, os equipamentos industriais desempenham um papel fundamental na realização das operações de fabricação e processamento. Estes variam desde máquinas de produção automatizadas a maquinaria que necessita da mão de obra humana. Cada tipo de equipamento é projetado para desempenhar funções específicas, aumentando a eficiência e a produtividade das operações industriais.

A manutenção adequada dos espaços e equipamentos industriais é essencial para garantir o bom funcionamento das instalações e a segurança dos trabalhadores. Isso inclui a realização de inspeções regulares, reparos preventivos e a substituição de equipamentos desgastados. Além disso, as indústrias devem cumprir as regulamentações de saúde e segurança no local de trabalho para proteger os funcionários de lesões e acidentes. Vejamos então, as características apresentadas pela Fábrica Simões, que a diferenciava de suas congêneres.

3.1. Fábrica Simões: espaço físico e enquadramento geral

Benfica, em tempos remotos, era uma zona plana e bastante desértica, mas por ser um local de clima ameno e próximo à capital acabou por ser loteado e os seus terrenos foram trabalhados e arroteados, ergueram-se quintas e casas apalaçadas. Com características próprias e um acentuado regionalismo saloio, “tornou-se um lugar procurado não só por família distintas, mas também pelos boémios e pândegos que de Lisboa acorriam às suas festas tradicionais”⁴⁰. Com o terramoto de 1755 ocorreu um

⁴⁰ PROENÇA, 2004, pp. 9-11.

grande êxodo das famílias lisboetas para a região, aumentando seu fluxo populacional e o início de uma pequena urbanização.

Após um salto temporal aos primeiros anos do século XX, constata-se que a Fábrica de Malhas Simões e C^a. Lda, iniciava suas atividades industriais na zona de Palma de Baixo, “atual freguesia de São Domingos de Benfica, no ano de 1907, pela iniciativa de um antigo operário fabril, José Simões Moreira e seus cunhados, Francisco Rodrigues e Adelino Rodrigues Figueiredo”⁴¹.

O sucesso do negócio criou a necessidade de ampliação do empreendimento e o local para a instalação da nova empresa deveria ser em uma região com estradas que facilitassem o transporte das mercadorias, houvesse proximidade a um curso de água, indispensável ao funcionamento da fábrica para escoamento dos resíduos de produção e, que disponibilizasse mão de obra barata. A zona que acabara sendo escolhida ficava próxima da linha férrea no centro do bairro de Benfica.

O ano 1921 marca o começo de uma nova fase de expansão e desenvolvimento para aquela pequena fábrica na periferia de Lisboa. O endereço escolhido para a implantação da nova indústria têxtil seria, Avenida Gomes Pereira nº. 11-13, sua localização na freguesia de Benfica foi de tal importância que em seus tempos áureos este logradouro ganhou o nome de rua da fábrica. Seria uma construção robusta e marcaria a paisagem daquela pequena zona rural.

O advento da construção de um edifício de tão grande envergadura e que comportaria uma grande fábrica têxtil mobilizou a população próxima a preencher o quadro de funcionários que passou a ser formado por pessoas que habitavam em sua circunvizinhança.

No endereço ao lado situava-se a sede do Clube Sport Lisboa e Benfica⁴². A equipa de futebol treinava num campo disposto nas traseiras do prédio pertencente à quinta de Marrocos.

Na Figura 9, podemos identificar o campo do Benfica, na Quinta de Marrocos, e ao fundo com sua imponente chaminé a Fábrica de malhas Simões e C^a. Lda, que margeava o prédio da atual Junta de Freguesia.

⁴¹ https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJo huE &t=109s&ab_channel=JFBenfica.

⁴² Hoje no local encontra-se a Junta de Freguesia de Benfica.



Figura 9 – Foto do campo do Benfica e ao fundo a Fábrica Simões⁴³.



Figura 10 – Fábrica Simões: localização na Rua Gomes Pereira (azul) n.ºs. 11-13 (Foto: EARTH, 2021)⁴⁴.

⁴³ Foto adquirida em <https://www.slbenfica.pt/slb/historia/estadios-anteriores/campo-de-benfica>.

⁴⁴ A linha azul indica a extensão da Avenida Gomes Pereira situada entre a Estrada de Benfica à norte e Rua da Venezuela à sul.

Sua estrutura exterior foi o resultado de um projeto arquitetónico eficiente.

Construído sob a influência do *Art Déco*, estilo esse que era a apropriação da designação da magna Exposição das Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris em 1925. Tal receituário arquitetónico-decorativo integrou vários projetos portugueses de renovação citadina de meados do século XX, levando até o Estado Novo a compreendê-lo como um veículo de propaganda e afirmação de poder⁴⁵.

Após a sua construção, apresentava-se como um “notável complexo fabril pela sua urbanidade e caráter inovador no quadro da arquitetura industrial do início do séc. XX”⁴⁶. Conforme OLIVEIRA (1928):

Era composto por 13 salões de grandes dimensões, medindo 36 metros de comprimento por 13 metros de largura cada um, numa área total do estabelecimento, que em números arredondados era de 5000 m², mas como eram dois pavimentos, perfaziam, de fato, 10000 m² de área ocupada⁴⁷.

Possuía ainda “paredes portantes em alvenaria de pedra e tijolo, sobre fundações em arcaria de pedra e betão armado”⁴⁸. Os proprietários da fábrica procuraram adequar os mecanismos de produtividade com um bom sistema de arejamento e iluminação através de “largas janelas tripartidas de tipo termal no piso superior e de verga reta no inferior do corpo central, com janelas basculantes”⁴⁹.

⁴⁵SANTOS, 2012, 14pp.

⁴⁶TOJAL, 2014, Alteração do Plano de Pormenor do Eixo Urbano Luz-Benfica.

⁴⁷OLIVEIRA, 1928, p. 24. (Anexo I).

⁴⁸TOJAL, 2014, Alteração do Plano de Pormenor do Eixo Urbano Luz-Benfica.

⁴⁹OLIVEIRA, 1928, p. 24. (Anexo I).



Figura 11 – Benfica⁵⁰.



Figura 12 – Fábrica Simões⁵¹.

Este *look* da década de 1920 referenciava bem a época em que foi edificado, na aplicação dos elementos decorativos, nas fachadas norte e a poente do corpo principal, ou na execução de um sistema de arejamento e iluminação, ou até mesmo a nível da abertura das janelas em repetição ritmada ao longo de toda a fachada.

⁵⁰ CML/DEP/Arquivo Fotográfico de Lisboa.

⁵¹ *Ibidem*.

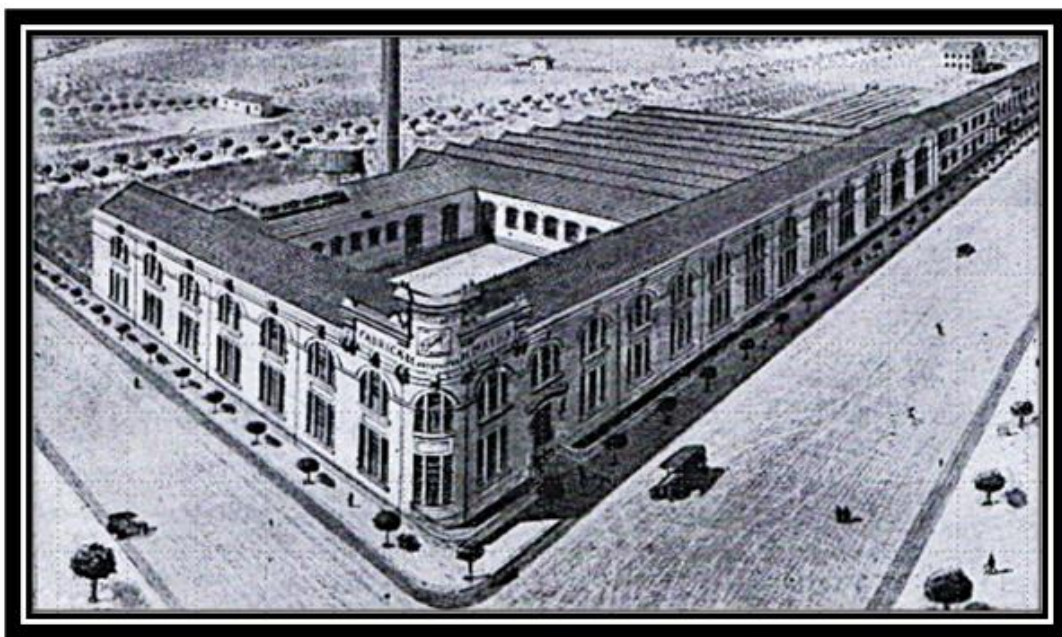


Figura 13 – Foto da Fábrica Simões & Cª Lda. Publicada na *Revista da Associação Industrial Portuguesa*⁵².

O Corpo principal apresentava planta em L com ângulo boleado e volumetria paralelepípedica. A entrada principal fazia-se pela avenida Gomes Pereira. A fachada era marcada pela abertura em ritmo regular, de grandes janelas tripartidas com emolduramentos, cujas vergas são a direito no andar térreo, e de arco abatido no piso superior⁵³.

A localização urbana do corpo principal da fábrica, recuada face à rua, incluía um canteiro ajardinado protegido por gradeamento.

⁵² Foto: OLIVEIRA, 1928, p. 24. (Anexo I).

⁵³ Obra 41990 - Processo: 80/ED2/11 – folha 150.



Figura 14 – Fachada em L⁵⁴.



Figura 15 - Entrada principal através da Rua Gomes Pereira⁵⁵.

⁵⁴ Foto: José Neves.

⁵⁵ *Ibidem*.

Não estava “associada a qualquer outra empresa do mesmo ramo ou de ramo diferente, nem dispunha de capitais estrangeiros. Instituiu-se como uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada”⁵⁶, com o capital social de:

“5 000 000\$00”⁵⁷, assim distribuídos:

CAPITAL SOCIAL	
7 sócios com 10 000\$ cada	70 000\$
5 sócios com 315 000\$ cada	1 575 000\$
1 sócio com 350 000\$	350 000\$
2 sócios gestores (sociedades)	2 905 000\$
Quota própria da firma	100 000\$
Total	5 000 000\$

Tabela 1 – Capital Social⁵⁸

O modelo de produção seguia o padrão “Fordista”, assente numa linha de produção especializada, de acordo com o que já referimos no capítulo anterior. Conforme aponta PIMENTEL (1977, p. 361):

A fabricação era em série, de grandeza variável, conforme o tipo de artigo fabricado. Por esse motivo, as tarefas em cada posto de trabalho eram parcelares, o que significa que nenhum trabalhador produzia por inteiro qualquer das peças ali fabricadas. Esse parcelamento, característico do trabalho em cadeia, tornava os funcionários especializados em determinadas tarefas, o que acarretava a aceleração da produção, e a mão de obra se tornava mais barata por não serem multifacetadas, com isso baixavam também os custos de manufatura.

Em 1928, encontramos uma descrição pormenorizada de suas instalações, numa entrevista cedida à *Revista da Associação Industrial Portuguesa*, que nos traz especificidades de seu funcionamento na descrição feita pelo seu sócio fundador, José Simões Moreira que, foi o “cicerone durante a visita, apresentando os vários segmentos da empresa”⁵⁹.

A fábrica encontrava-se dividida em oficinas.

Na sala de dobagem utilizada para a preparação dos fios mais de quinhentos teares trabalhavam em baterias criadoras, eram máquinas modernas e trabalhavam ininterruptamente, num ritmo frenético que movimentavam todos os teares ao mesmo tempo⁶⁰.

Em todas as oficinas outros tantos teares se movimentavam de forma rápida e cadenciadamente, eram máquinas muitas delas autómatas que necessitavam de pouco

⁵⁶ PIMENTEL, 1997, p.359.

⁵⁷ A moeda vigente era o Escudo (1911-2002).

⁵⁸ PIMENTEL, 1997, p.359.

⁵⁹ OLIVEIRA, 1928, p. 23. (Anexo I).

⁶⁰ *Idem*, p. 25. (Anexo I).

manuseamento e consequentemente poucos trabalhadores para operá-las, uma verdadeira evolução para a época, produtos de uma apurada engenharia americana. “Todas as oficinas eram servidas de maquinário de primeira geração e trabalhavam no formato das fábricas americanas”⁶¹, com extensas linhas de produção onde “os funcionários se especializavam em cumprir apenas uma tarefa de forma rápida e constante”⁶².

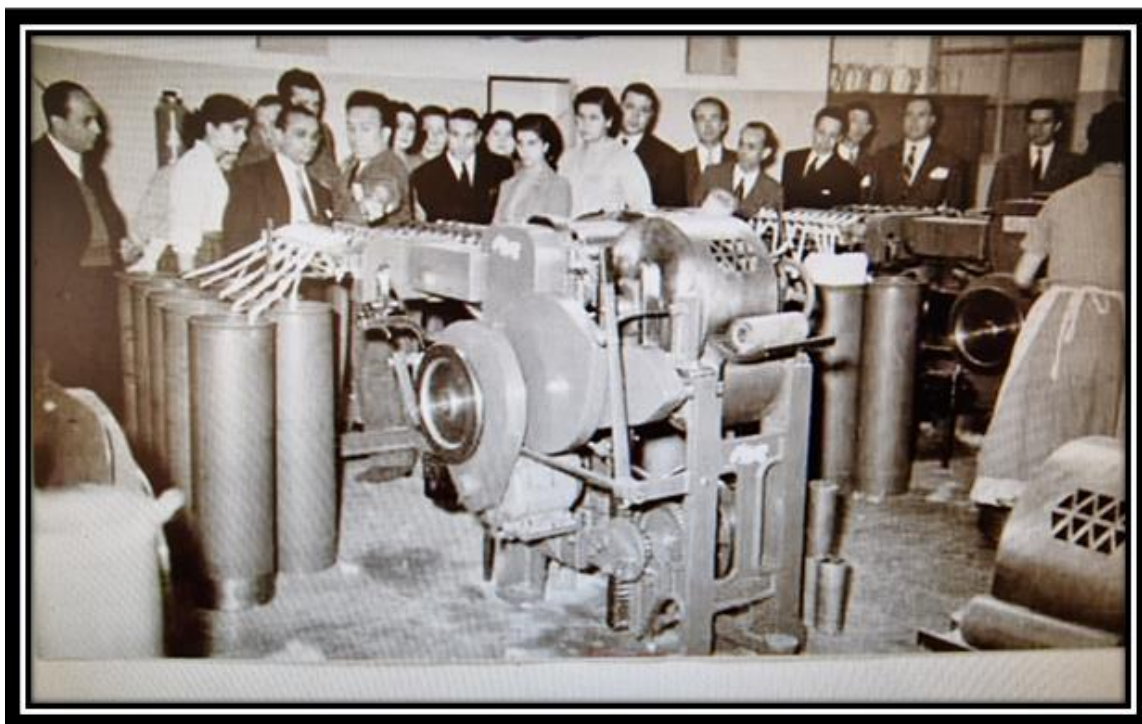


Figura 16 - Visita dos profissionais do comércio à Fábrica Simões⁶³.

A empresa chegou a ter aproximadamente 1.500 trabalhadores que se revezavam em turnos constantes para garantir a produção e abastecimento do mercado em que a fábrica se projetava, fábrica esta que se orgulhava de ser 100% portuguesa, fundada com capital próprio e sem parcerias estrangeiras. “No estrangeiro mesmo só buscava alguns insumos e fornecia produtos para países como Noruega, Suécia e Dinamarca, que representavam 20% da faturação da Fábrica enquanto os outros 80% eram comercializados no mercado interno português”⁶⁴.

⁶¹ OLIVEIRA, 1928, p. 25. (Anexo I).

⁶² *Ibidem*.

⁶³ PT/TT/EPJS/SF/001-001/0112/0973AE - *Jornal O Século*, *Álbuns Gerais* n.º 112, doc. 0973AE.

⁶⁴ PIMENTEL, 1977, p.360.



Figura 17 – Tear⁶⁵.

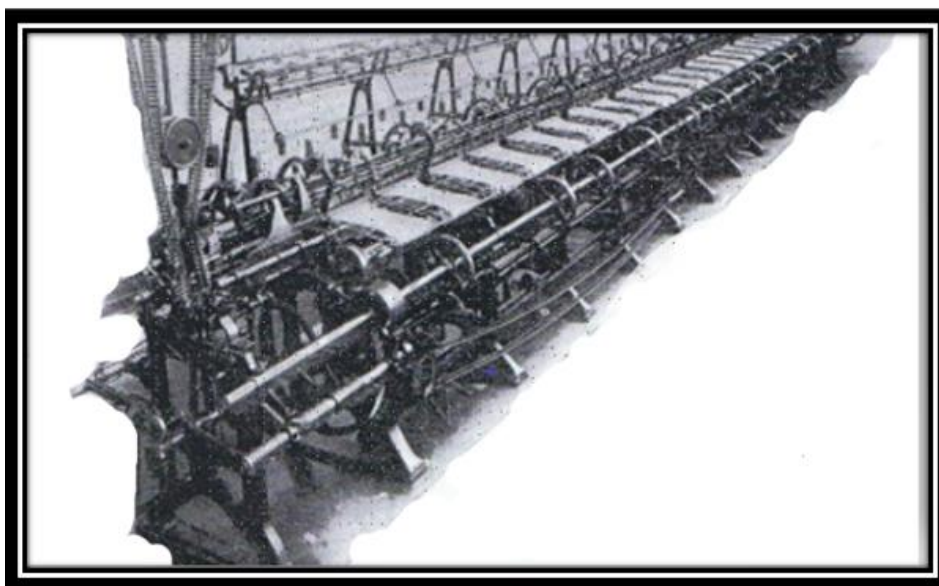


Figura. 18 – Tear para meias finas⁶⁶.

Os salões eram constituídos por “piso com soalhos de madeira corrida, cercado por paredes de alvenaria em pedra, janelas tripartidas modelo termal, asnas em madeira fixadas com ferro e cobertura de duas águas em telha de marseille”⁶⁷.

⁶⁵ OLIVEIRA, 1928, p. 23. (Anexo I).

⁶⁶ *Idem*, p. 25.

⁶⁷ BARCELOS, 2010, p. 30.



Figura 19 – Salão do 2º piso do corpo principal⁶⁸.

“Em 1931, é descrita como um conjunto edificado composto de 2 pisos e 4 fachadas, sendo a principal pintada a cinzento, e de um muro de vedação confinante com a via pública, com a extensão de 75 metros, encontrando-se em regular estado de conservação”⁶⁹.

Até meados de 1945 pouco mais há a assinalar, para além da aquisição, mais ou menos sistemática, de terrenos circunvizinhos com vista a ampliação da fábrica nomeadamente a criação de uma seção de fiação do algodão. A empresa, nesta altura, tem um crescimento relativamente lento, mas progressivo⁷⁰.

O mercado mundial é invadido por um novo produto, o fio de nylon, originário dos Estados Unidos da América. Este é mais resistente e duradouro, acabando por suplantar, em termos de vantagem comparativa, o fio de seda natural. “É também nesta altura que a Fábrica Simões se vê obrigada a renovar a maquinaria fabril de modo a fazer face à produção de meias de senhora”⁷¹.

Até 1958, o imóvel foi sendo acrescentado e melhorado, com a construção de vários anexos, todos de caráter mais ou menos provisórios, apelidados de barracões, utilizados para albergar vários serviços associados ao processo de produção e também para melhorar as condições dos trabalhadores fabris: “oficinas de cardação, fiação e acabamento, sanitários, arrecadações, tinturaria, creche, refeitório, garagem, etc.”⁷².

⁶⁸ BARCELOS, 2010, p. 31.

⁶⁹ Obra 41990 - Processo 80/ED2/11, fl. 151.

⁷⁰ *Idem*, fl. 160.

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² Obra 41990 - Processo 80/ED2/11, fl. 151.

4. Produção, produtos e publicidade

4.1. Produção têxtil

A produção da Fábrica Simões era em larga escala e funcionava por turnos para conseguir atender a demanda de pedidos. “O trabalho nas oficinas tinha horários rígidos, rotinas predefinidas, tarefas repetitivas e estreito controle”⁷³.

Na oficina de fabricação de meias finas impunha-se o mesmo ritmo cadenciado de produção, composta por uma grande quantidade de teares automáticos, “considerados *avant-garde*, pois produziam grandes quantidades de peças em várias cores e diversos padrões, deixando somente uma biqueira para o remate final”⁷⁴. Neste ritmo de funcionamento a “produção diária de meias chegava a 6000 pares por dia”⁷⁵.

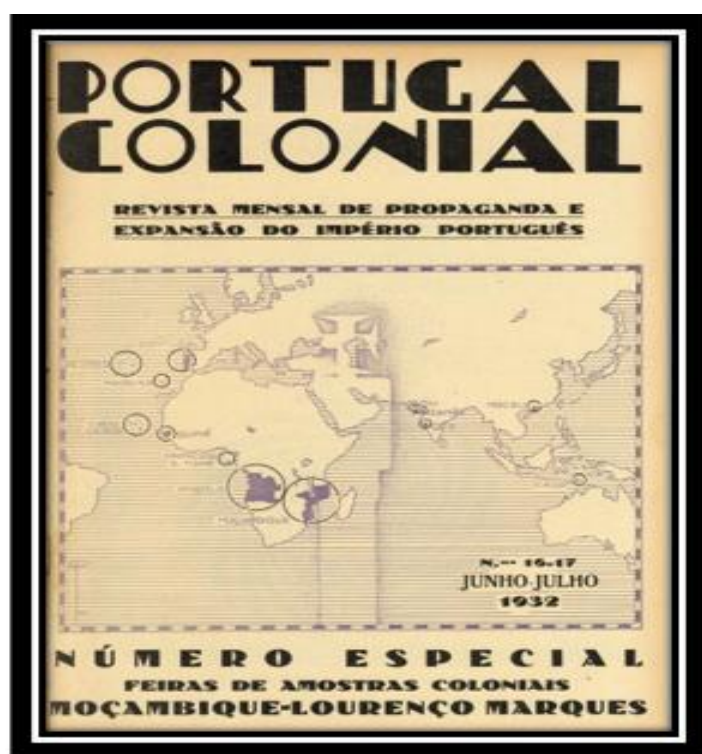


Figura 20 – Revista Colonial n.º. 16-17⁷⁶.

⁷³ OLIVEIRA, 1928, p. 23. (Anexo I).

⁷⁴ *Idem*, p. 25.

⁷⁵ Conforme o anúncio na figura 21.

⁷⁶ <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/PortugalColonial/PortugalColonial.htm>.



Figura 21 - Anúncio da Fábrica Simões na *Revista Colonial* nº.16-17⁷⁷.

Havia uma oficina com apenas uma máquina utilizada para fazer “punhos de camisolas em ponto *à jour*”⁷⁸. “Enquanto a oficina de costura era constituída por mulheres que trabalhavam compassadamente para dar os últimos acabamentos nos artigos que as outras máquinas produziam”⁷⁹.

Possuía, de igual modo, uma oficina de reparação e produção onde se fabricava vários tipos de peças, desde as mínimas para reparação e conserto, até às caixas para armazenamento das mercadorias. “Antes de serem encaixotadas, as mercadorias ainda passavam pela oficina de engomadoria”⁸⁰. Apesar das dimensões dantescas da fábrica para a época, seja na estrutura como na quantidade de funcionários, “do ponto de vista da higiene era extremamente avançada, possuindo retretes, lavatórios e aquecimentos em todos os salões principais”⁸¹. Por outro lado, “o próprio regulamento de trabalho na empresa proibia o uso de agasalhos dentro da oficina, em virtude de haver aquecimento”⁸².

Com o crescente aumento da produtividade, houve a necessidade da ampliação das instalações e sua adaptação às inovações e alterações. Deste modo, em resposta ao constante aumento da fabricação dos produtos fabris, procedeu-se ao acréscimo das instalações durante as décadas seguintes, conforme comprovam vários ofícios referentes à construção ou alteração

⁷⁷ <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/PortugalColonial/PortugalColonial.htm>.

⁷⁸ Também conhecido como ponto caseado - modo de bordar geralmente usado para rematar os extremos das peças, em que a linha é apertada de modo bem firme, de forma a criar um rebordo resistente.

⁷⁹ OLIVEIRA, 1928, p. 24. (Anexo I).

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² Obra 41990 - Proc. 2008/11/-06/879/CL/408 In.: Proc.14/UBB/2008, fl. 1381.

na área da fábrica, “bem como uma quantidade significativa de plantas que marcam no espaço os elementos arquitetónicos introduzidos e beneficiados”⁸³.

A tinturaria era a secção responsável pelo tingimento das fibras, dos fios e dos tecidos, através de processos químicos que exigiam conhecimentos técnicos das fases de aplicação. As sobras líquidas dessas aplicações eram deitadas fora, sendo este um dos motivos pelo qual este local específico, em Benfica, foi escolhido para a instalação da fábrica Simões & Cia, dado o fácil acesso à ribeira de Alcântara, o que facilitava o despejo e consequente eliminação dos resíduos do tingimento.

Sua produção diária era de “500 dúzias de pares de meias e peúgas”⁸⁴ de artigo fino e médio, uma vez que a fábrica não produzia artigo de baixa qualidade. Além dessa enorme quantidade diária de meias, a Fábrica também produzia: camisolas; roupa de malha para homens, mulheres e crianças; ceroulas; “parures”⁸⁵; *lingeries* para senhoras; roupões; blusas; enxovais completos; vestidos para crianças; modelos para noivas; etc.



Figura 22 – Publicidade dos produtos da Fábrica Simões⁸⁶.

⁸³ Obra 41990 - Proc. 2008/11/-06/879/CL/408 In.: Proc.14/UBB/2008.

⁸⁴ OLIVEIRA, 1928, p. 24. (Anexo I).

⁸⁵ Ornamentos, adornos.

⁸⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE>.

As matérias-primas usadas seriam o algodão, a lã, a seda e o nylon. Utilizavam um “processo de integração vertical”⁸⁷ que abrangia a “urdissagem”⁸⁸, “tricotagem dos fios, conceção de modelos, tinturaria, corte e confeção”⁸⁹. A Fábrica funcionava como promotora e fomentadora da economia, abastecendo tanto o mercado internacional como o mercado interno português.

4.2. Marketing & mercado

Tendo em atenção ao conceito de marketing, interessa-nos aqui apenas ressaltar que este foi aplicado ao objeto de estudo, a Fábrica Simões, de modo a obter maiores rendimentos com as vendas efetuadas.

No início do século XX, José Simões era um homem bem informado e estava a par do que acontecia além-fronteira, uma vez que a fábrica exportava parte da sua produção para o mercado estrangeiro e o seu processo produtivo seguia o modelo americano dos sistemas de produção (fordismo).

Naquele período, a moda moldava o comportamento social. Conforme salienta SILVA (2012, p.106):

Suntuosidade, luxo, beleza, glamour, ostentação, são algumas palavras que definem o período que vai da década de 1890 até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, conhecida como a *Belle Époque*. Paris, a cidade luz, era a capital do luxo e a grande estrela daquele momento. A moda refletia este ambiente, afinal a moda é sempre um reflexo da sociedade, de seus hábitos e de sua cultura.

A moda vinha pré-definida do exterior, principalmente dos salões da capital francesa e os modelos fabris inspirados por essa influência se espalharam por toda Europa, incluindo também Portugal. Os consumidores portugueses mais abastados passaram então a ser recetores de um bombardeamento em massa de propaganda do que se deveria vestir para estar em voga. E a produção da Simões encontrava-se atenta ao mercado estrangeiro.

⁸⁷ OLIVEIRA, 1928, p. 25. (Anexo I).

⁸⁸ Conjunto dos fios ao longo do tear, por entre os quais se passa a trama.

⁸⁹ OLIVEIRA, 1928, p. 25. (Anexo I).



Figura 23 - Propaganda na *Revista Ilustração*⁹⁰.

Neste período, as empresas não estavam interessadas nas exigências de seus clientes, mas em vender seu produto e os clientes não tinham, portanto, qualquer poder de barganha. A Fábrica Simões tinha como seu foco atender a uma classe com um poder aquisitivo mais elevado, por isso pouco variava a sua oferta de produção e mantinha um rígido controle de qualidade, “produzindo camisolas de malha de lã utilizando fio da Escócia, artigos que, por sua qualidade de fabricação, rivalizavam perfeitamente com os estrangeiros do mesmo género”⁹¹. Tal como acontecia com as meias e as peúgas, as camisolas nacionais eram vendidas muitas vezes como forâneas.

A utilização de etiquetas estrangeira para escoar a produção parecia ser uma prática comum utilizada pelas fábricas da época para driblar o gosto apurado dos portugueses por produtos importados. Segundo o artigo da *Revista da Associação Portuguesa*:

Em matéria de tecidos, então, a situação de troca de etiquetas é flagrante. O que se produz aqui na Simões, Arrentela, em Coimbra, em Portalegre e até em certas fábricas de Gouveia e da Covilhã, tecidos que são de melhor fabricação, são selecionados para estampar etiquetas estrangeiras em suas fazendas⁹².

A Fábrica Simões tinha uma rigorosa metodologia para escolher e separar os artigos que estavam dentro de seu padrão de excelência de qualidade, antes de os lançar no mercado. Na

⁹⁰ https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/1928/N68/N68_master/N68.pdf.

⁹¹ OLIVEIRA, 1928, p. 25. (Anexo I).

⁹² *Ibidem*.

primeira fase eram separadas de forma escrupulosa as peças perfeitas. Depois de serem retirados estes itens de primeira linha, as demais peças eram submetidas a uma segunda separação e aos artigos escolhidos nesta segunda fase eram adicionadas etiquetas com as iniciais D.C., que deriva do francês “*Deuxième choix*”⁹³. Estes seriam comercializados como género estrangeiro e de primeira ordem. Numa terceira escolha ficariam os artigos que sobravam e eram considerados refugos e vendidos a peso, mas estes materiais não representavam a Fábrica.

Não confundir D.C., que se refere aos produtos da segunda fase de comercialização, com a famosa marca de meias e peúgas C.D., as quais eram uma das marcas fabricada na Simões e tinha seu nome vinculado em anúncios, nos principais meios de comunicação. C.D. eram as iniciais da qualidade das meias, “Conforto e Distinção”⁹⁴, sendo uma marca muito respeitada em Portugal.

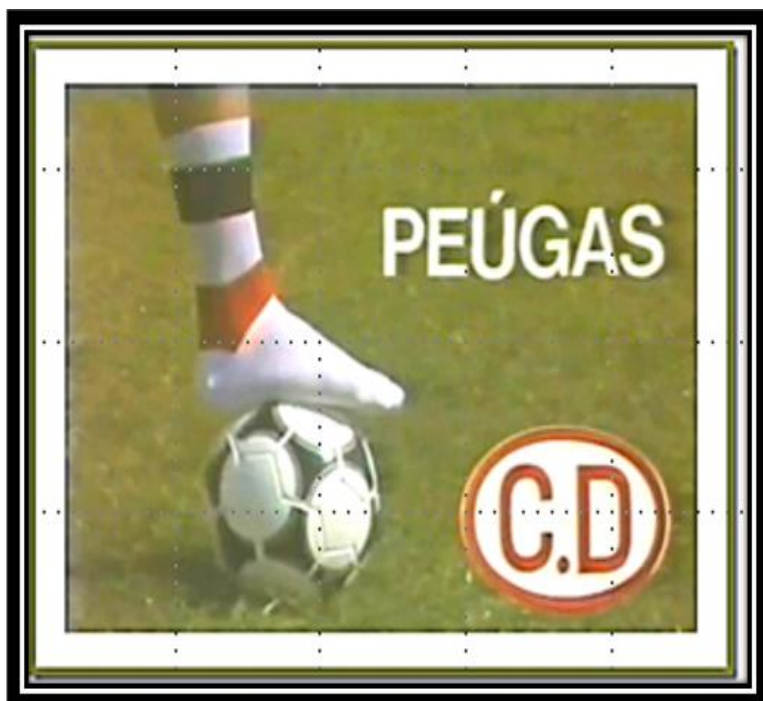


Figura 24 – Comercial das meias C.D.⁹⁵.

⁹³ Segunda oportunidade.

⁹⁴ <http://www.santanostalgia.com/2010/09/meias-cd-com-cd-quem-ganha-e-voce.html>.

⁹⁵ *Ibidem*.



Figura 25 – Anúncio das meias C.D.⁹⁶.

A grande preocupação das empresas nas primeiras décadas do século XX era a aquisição de matérias-primas e a venda dos seus produtos fabricados, por isso mantinham seus estoques cheios. Uma das maneiras de fazer escoar sua produção e alavancar as vendas seria através da publicidade aos seus produtos, veiculando-os a anúncios nas rádios, jornais e revistas.

A Fábrica Simões também trabalhava para um público-alvo e demonstrava isso na força de mercado que algumas marcas possuíam, como é o exemplo das roupas “Suprema” e das meias “Super Kalio”, que encontramos veiculadas em anúncios padronizados em algumas revistas da época, o que dava visibilidade e credibilidade aos produtos.

⁹⁶ <http://www.santanostalgia.com/2010/09/meias-cd-com-cd-quem-ganha-e-voce.html>.



Figura 26 – Anúncios na *Revista Olisipo*⁹⁷.



Figura 27 – Anúncio na *Revista Municipal*⁹⁸.

A empresa encontrava-se então fortemente inserida nos circuitos económicos internos e externos. Conforme PIMENTEL (1977):

⁹⁷ <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>.

⁹⁸ *Ibidem*.

Comprava no mercado nacional telas, fios de algodão, lã e adquiria no estrangeiro fios especiais e tecidos para confecção. Seu nome tinha credibilidade para adquirir matérias-primas e só pagar após a receção. Também possuía credibilidade junto a banca e tinha como alguns parceiros comerciais empresas de países como Suécia, Dinamarca e Noruega⁹⁹.

Após a morte de José Simões, uma nova ordem surgirá no mercado português com a entrada de capital estrangeiro e o aparecimento das multinacionais e sua interferência na economia e no ramo de têxteis. É o advento da reestruturação sindical e as lutas trabalhistas por melhores condições laborais e salariais.

As empresas passaram a perceber que a sua relação com os consumidores se tornaria mais complexa e, Segundo MINUZZI (2014):

Surgiria a necessidade de entender melhor o funcionamento das relações comerciais com seus clientes. As forças de mercado sempre tiveram uma relação muito estreita com a dinâmica social. Seus conceitos alterariam conforme a sociedade iria mudando suas formas de conviver, consumir e de pensar, e desenvolver-se-ia uma melhor flexibilização das relações comerciais e sociais com a industrialização¹⁰⁰.

A partir de 1960, a empresa, agora órfã de seu progenitor, entra numa espiral de decadência económica sem precedentes: lutas trabalhistas, dívidas à banca, intervenção estatal, processo de falência, período de abandono e a derrubada de todo o complexo fabril para dar lugar a um novo projeto residencial.

⁹⁹ PIMENTEL, 1977, p. 360.

¹⁰⁰ MINUZZI, 2014, p. 82.

5. Recursos Humanos

5.1. Projetos Sociais

Uma das características mais marcantes de José Simões, como testemunhos fazem saber, era que se mostrava sempre preocupado com o bem-estar de seus funcionários, a começar pelas instalações da fábrica, que possuíam amplos salões bem arejados, robustos e bem iluminados.

Outros aspetos que chamavam a atenção era o fato da fábrica também proporcionar atividades desportivas, cuidados de saúde com um posto de enfermagem (figura 28) aos cuidados de um enfermeiro, aulas para iniciarem ou prosseguirem a escolaridade obrigatória (4.º ano).

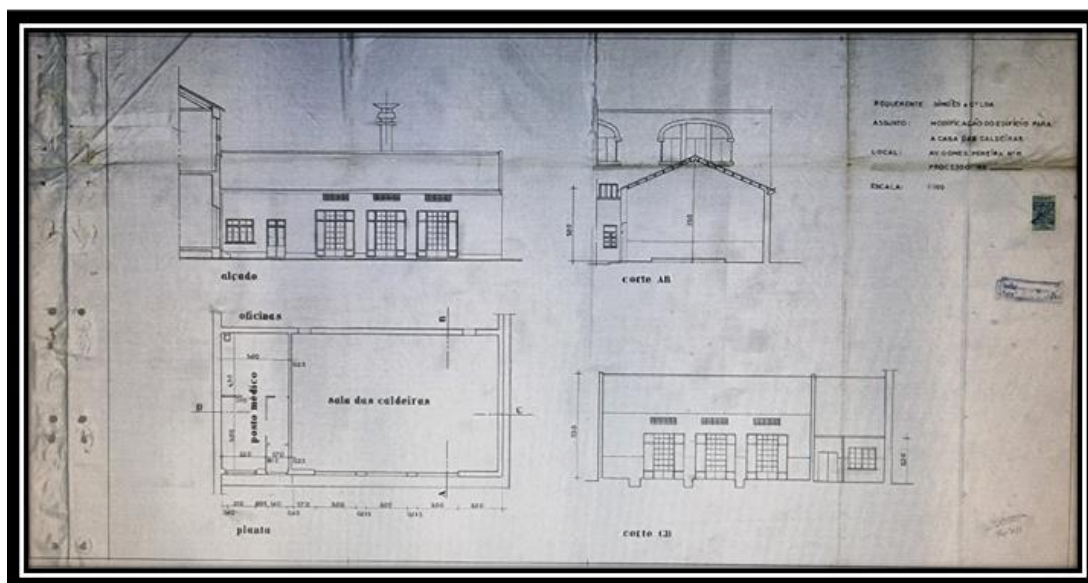


Figura 28 – Posto Médico ao lado da sala das caldeiras¹⁰¹.

Na década de 1950 providenciou-se a instalação de uma creche, que se localizava em frente à fábrica, ao lado da cantina e de um futuro refeitório (figs. 29, 30, 31 e 32), bem como uma classe de ginástica feminina e uma masculina, que constituía um “grupo cultural e desportivo” (figs. 33-34)¹⁰².

¹⁰¹ Obra 41990; volume 6; Processo 675/DSCC/PG/1970 – Tomo 1, p. 3.

¹⁰² <http://retalhosdebemfica.blogspot.com/2010/01/classe-de-ginastica-feminina-da-fabrica.htm>.

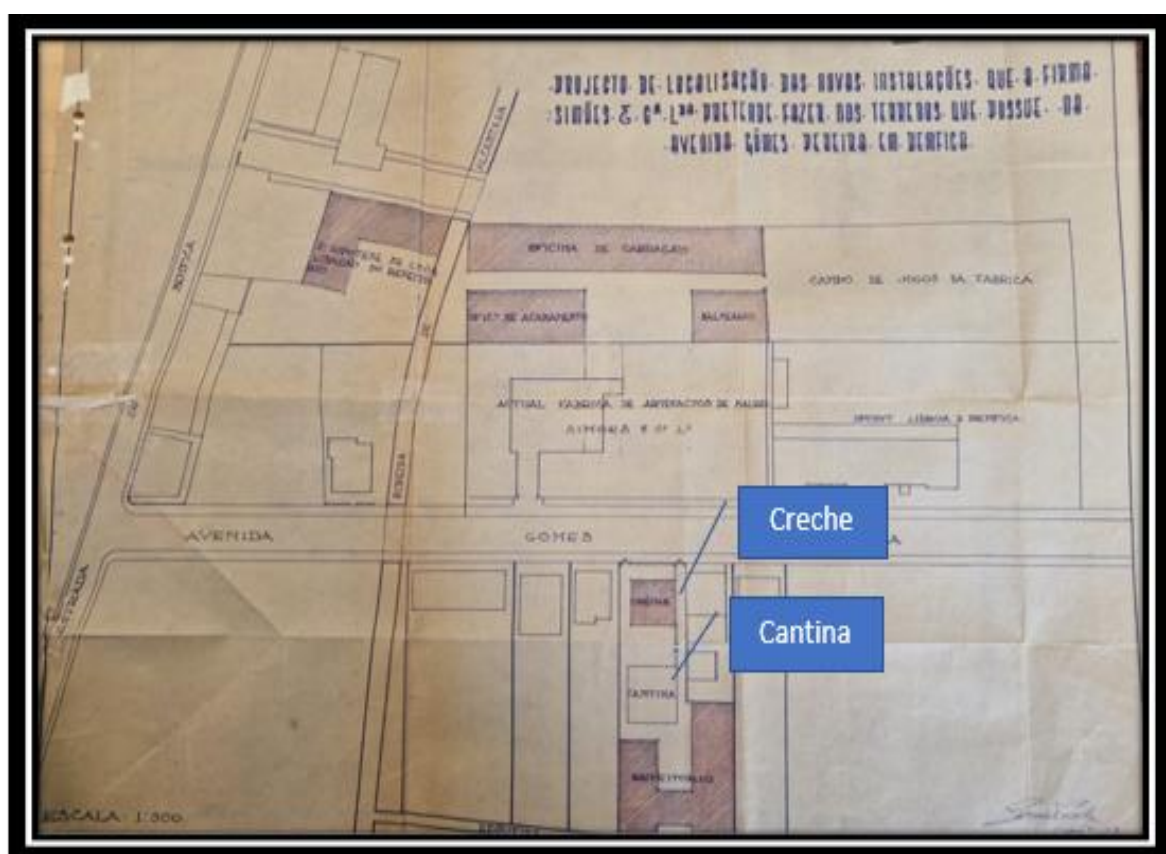


Figura 29 - Planta das instalações da Fábrica Simões¹⁰³.



¹⁰³Planta das instalações da Fábrica Simões com a descrição da creche e cantina instaladas em frente a Fábrica e a pedir autorização para instalação do refeitório em um dos dois espaços assinalados. Obra 41990; Volume1; Processo 41122/DSC/PG/1941, tomo 1, p. 2.

Figura 30 – Creche da Fábrica Simões¹⁰⁴.



Figura 31 – Creche da Fábrica Simões¹⁰⁵.



Figura 32 – Creche da Fábrica Simões¹⁰⁶.

¹⁰⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE>.

¹⁰⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE>.

¹⁰⁶ *Ibidem*.



Figura 33 - Classe de Ginástica Feminina no pátio interior da Fábrica Simões (1939-1940) (Foto: Jorge Mendes)¹⁰⁷.



Figura 34 - Componentes do grupo cultural e desportivo da Fábrica Simões em visita à redação do Jornal “O Século”¹⁰⁸.

¹⁰⁷ <http://retalhosdebemfica.blogspot.com/2010/01/classe-de-ginastica-feminina-da-fabrica.htm>.

¹⁰⁸ PT/TT/EPJS/SF/001-001/0096/0879V – Jornal O Século, Álbuns Gerais nº 96, doc. 0879V.



Figura 35 - Cartão do Grupo Excursionista da Fábrica Simões (1942)¹⁰⁹.

No Natal, os filhos dos funcionários da fábrica que frequentavam a creche recebiam roupas feitas à medida e participavam de uma confraternização planeada todos os anos para o período da consoada (fig. 36-37).



Figura 36 – Confraternização de natal da Fábrica Simões¹¹⁰.

¹⁰⁹ <http://retalhosdebemfica.blogspot.com/2010/01/classe-de-ginastica-feminina-da-fabrica.html>.

¹¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE>.

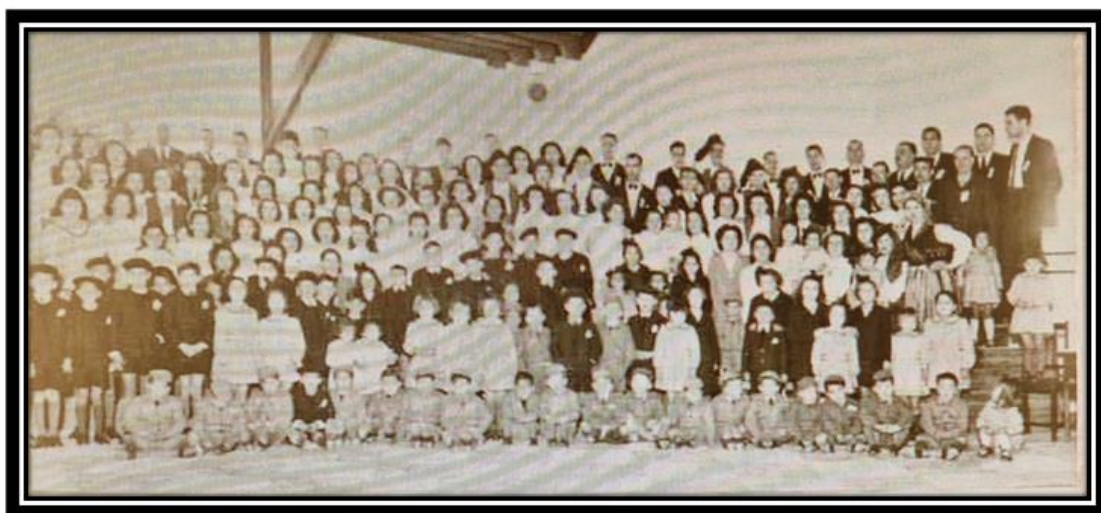


Figura 37 – Confraternização de Natal da Fábrica Simões¹¹¹.

A *Revista da Associação Industrial Portuguesa* teceu muitos elogios ao sócio fundador José Simões, descrevendo-o como: “(...) esplêndido temperamento de industrial, franco, afável, acessível, pouco falador. Vê-se que medita bem o que diz, apesar de não levar muito tempo a responder às nossas perguntas. Homem de método e organização, fez-se por si, subiu a pulso”¹¹². Com sua morte, em 1960, acabou o período áureo da Fábrica Simões. “Deixou em testamento uma quantia em dinheiro para cada funcionário”¹¹³.

5.2. O trabalho feminino

O quadro de funcionários da Fábrica Simões era composto maioritariamente por mulheres, o que se verificava também em outras fabricas têxteis pelo país, uma vez que a atividade fabril têxtil tinha um forte vínculo com as funções femininas pré-definidas pela sociedade da época.

Muitas das informações disponíveis a respeito desse tema provêm de um estudo feito no “dossier da comissão de trabalhadores, criado na Fábrica Simões no ano de 1974, e de entrevistas coletivas com os demais operários não pertencentes àquela comissão”¹¹⁴, bem como

¹¹¹ PT/TT/EPJS/SF/001-001/0091/1889S, Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 91, doc. 1889S.

¹¹² OLIVEIRA, 1928, p. 23. (Anexo I).

¹¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE>.

¹¹⁴ PIMENTEL, 1977, p. 357.

de visitas feitas no local no sentido de permitir, dentre outras coisas, um contato direto com a “realidade do processo produtivo e condições laborais”¹¹⁵.

Conforme o quadro abaixo de composição da força de trabalho, podemos notar a diferença nos quadros de chefia, onde prevalecem a maioria masculina.

	HOMENS	MULHERES
CHEFES	12	02
ENCARREGADOS E MONITORES	09	34
QUALIFICADOS	37	23
ESPECIALIZADOS	94	477
INDIFERENCIADOS	10	41
ESTAGIÁRIOS	10	12
TOTAL	172	589

Tabela 2 – Força de Trabalho¹¹⁶.

No início da década de 1970 esse era o panorama do quadro funcional da Fábrica Simões: “o número de operários, administrativos, chefes e encarregados, eram de 761, sendo 589 mulheres e 172 homens, o que representavam, respetivamente, 77% e 23% do total do quadro funcional”¹¹⁷, onde as mulheres ocupavam a grande maioria dos postos de trabalho. Estas não seriam privilegiadas, antes pelo contrário.

Se analisarmos o quadro com mais cuidado notaremos que 86% do quadro de chefes era composto por homens e dos qualificados ocupavam 62%. “Os trabalhos elementares, composto de tarefas simples e repetitivas e de reduzidas exigências de qualificação eram as mulheres que figuravam em maior número”¹¹⁸. A exceção é a de encarregados e monitores, onde 79% das mulheres ocupavam as vagas. “Isso explicava-se tendo em atenção a natureza dos postos de trabalho e a seção onde se localizavam. Tratava-se de funções cujos titulares eram executantes de um determinado trabalho manual realizado em grupo e simultaneamente”¹¹⁹.

¹¹⁵ PIMENTEL, 1977, p. 357.

¹¹⁶ *Idem*, p. 362.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ PIMENTEL, 1977, p. 359.

¹¹⁹ *Ibidem*.

Como a divisão do trabalho está relacionada com o sexo, era notório encontrar mais monitores homens nas seções de tinturaria e armazéns, enquanto as mulheres dominavam os setores de corte e confecção, ou seja, como nas empresas têxteis o setor de corte e confecção representavam quase metade dos empregados e a esmagadora maioria eram mulheres, decorre desse motivo perfazerem a maioria dos cargos de encarregados e monitores

Todas essas considerações nos remetem, então, a um aspeto generalizado no mundo do trabalho das sociedades capitalistas, que é a associação do tipo de trabalho ao sexo. É o caso dos setores de corte e confecções, onde predominava o trabalho feminino, ao invés da manutenção, que englobavam os serviços de assistência de serralharia, carpintaria e eletricidade, portanto com tarefas de caráter técnico, tradicionalmente atribuídas aos homens. As discriminações, porém, não se confinavam ao tipo de trabalho, mas reportavam-se igualmente aos salários. Assim, em certos casos, o mesmo trabalho, executado da mesma forma e com a mesma intensidade, tinha diferente remuneração consoante fosse exercido por homens ou mulheres¹²⁰.

Podemos citar, como exemplo, a comparação dos salários entre dois maquinistas que entraram em 1939, um do sexo masculino e outro do sexo feminino. Verificou-se uma grande diferença salarial entre os dois, estando ambos na categoria de aprendizes. O operário masculino ganhava cerca de 12\$00 e a operária ganhava cerca de 3\$00, demonstrando-se, deste modo, uma nítida disparidade salarial de género na empresa

Para confirmar tal afirmação analisaremos um mapa de vencimentos, onde encontraremos as discrepâncias monetárias entre os profissionais baseando a valorização de sua força de trabalho pelo sexo.

DISPARIDADE SALARIAL		
CHEFE DE EQUIPA	HOMENS	6 200\$
	MULHERES	5 100\$
CORTADOER MECÂNICO	HOMENS	6 437\$
	MULHERES	4 800\$
EMBALADOR	HOMENS	6 000\$
	MULHERES	4 500\$
MAQUINISTA	HOMENS	6 000\$
	MULHERES	4 800\$

Tabela 3 – Disparidade Salarial¹²¹.

¹²⁰ Obra 41990, Processo 80/ED2/11, fl. 159.

¹²¹ PIMENTEL, 1977, p. 364.

Decorre desta diferença salarial a inferiorização das mulheres em relação aos homens, mesmo elas colaborando ativamente na produção e funcionamento da fábrica e, participando das greves e movimentos trabalhistas de modo a tentar melhorar os salários de todos, numa época em que muitas empresas fechavam as suas portas, seus esforços e direitos não eram reconhecidos de maneira igualitária aos do sexo masculino.

Ainda nos dias atuais encontramos muitas profissionais que trabalham tão arduamente em suas carreiras quanto os homens e, mesmo assim, recebem uma percentagem salarial inferior. Essa diferença aqui constatada nos remete às trabalhadoras da Fábrica Simões que, mesmo recebendo menos que os homens, se envolveram nas lutas trabalhistas e experimentaram um pouco da igualdade salarial em alguns setores, graças à publicação do Decreto-Lei 217/74 que estabeleceu o salário mínimo nacional.

5.3. PREC

A 25 de abril de 1974. O Movimento das Forças Armadas, coroando a longa resistência do povo português e interpretando os seus sentimentos profundos, derrubou o regime fascista. Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa. A Revolução restituiu aos Portugueses os direitos e liberdades fundamentais. No exercício destes direitos e liberdades, os legítimos representantes do povo reúnem-se para elaborar uma Constituição que corresponde às aspirações do país¹²².

E um dos reflexos deste movimento Liberal foi o PREC, «Processo Revolucionário em Curso» que, na prática, significou um período de instabilidade compreendido entre a Revolução de 25 de Abril de 1974 e as movimentações militares do 25 de novembro de 1975.

Com o advento da mudança, seja na vida política ou social, resultou numa significativa transformação no *status quo* da população portuguesa. Durante esse período de transição, de um regime considerado fascista até a promulgação da Constituição da República Portuguesa em 1976, multiplicavam-se braços armados, da extrema-esquerda à extrema-direita. A polícia deteve grandes dificuldades no seu funcionamento, não raras vezes substituída pelos militares do “COPCON – Criado pelo MFA, no período que se seguiu à revolução de 25 de Abril de 1974 e extinto após o golpe de 25 de novembro de 1975, e que, frequentemente, tomavam partido nas ocupações de casas, fábricas ou terras”¹²³.

¹²²Constituição da República Portuguesa. VII Revisão Constitucional. «preâmbulo». 2005. Disponível na internet < URL: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> >.

¹²³Constituição da República Portuguesa. VII Revisão Constitucional. «preâmbulo». 2005. Disponível na internet < URL: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> >.

Ressalvam-se, desta época, as circunstâncias negativas que derivaram da instabilidade político-ministerial-governativa, como é exemplo a existência de seis governos provisórios. Apesar disso, continuaram a existir tentativas de revolução: Foi durante esta época que começaram a surgir projetos de reforma agrária, direito à greve, liberdade sindical, salário mínimo, férias pagas, subsídios de doença e alimentação, entre outras¹²⁴.

“No final do Verão Quente de 1975, os sectores básicos da economia estavam nacionalizados. Lisboa tinha, semana sim, semana não, grandes manifestações de moradores, trabalhadores, estudantes e soldados”¹²⁵.

Nesse período, a Fábrica Simões encontrava-se em plena reestruturação e enfrentando uma de suas maiores greves até então. A abertura do mercado ao capital estrangeiro, principalmente liberado para a implantação de empresas, levou o setor têxtil ao colapso, pois os salários baixos permitiam custos de produção relativamente competitivos com a indústria estrangeira, mas tais indústrias apesar de pagarem salários superiores às nacionais, obtinham um acréscimo da produtividade pela utilização intensa de tecnologia moderna. Segundo PIMENTEL (1977, p. 367):

A introdução crescente de novas máquinas na indústria europeia originou igualmente um fenómeno de dependência tecnológica das indústrias nacionais, que adquiriam o material antiquado que aquelas iam pondo de parte. A exploração alargou-se bastante na década de 1960 com a implantação no país de filiais das multinacionais americanas e europeias, que aqui beneficiavam de legislação favorável à transferência dos lucros, muitas vezes de isenção de impostos e, como se viu, de mão de obra a baixo preço.

Com um mercado saturado pelas grandes empresas multinacionais e com um significado avanço tecnológico, as empresas nacionais portuguesas e, no caso, a Fábrica Simões, encontravam dificuldades em adaptarem-se às constantes modificações do mercado, sem possibilidade, portanto, de planear minimamente a sua produção em bases seguras.

5.4. Greve: Uma luta social

As complexas relações sociais que envolvem o ambiente das empresas, com sua multiplicidade de pessoas com moral e ética diferentes, dividindo um mesmo espaço de trabalho, não descaracteriza o fato de possuírem necessidades semelhantes, sendo constante na história casos de disputa entre os trabalhadores e seus representantes contra o patronato. A

¹²⁴ MONTEIRO, 2015 (<https://www.jpn.up.pt/2015/04/26/40-anos-do-prec-ilusao-liberdade-ninguem-fala/>).

¹²⁵ CARDOSO, 2016 (<https://expresso.pt/sociedade/2016-11-25-Os-mitos-em-torno-do-25-de-Novembro-de-1975>).

fábrica Simões é um bom exemplo, nas três greves que sucederam a morte de seu sócio fundador, José Simões.

Os conflitos sociais, até então ocorridos na empresa, não tinham alavancado uma grande parcela dos trabalhadores, mas “o 25 de abril de 1974 trouxe nova vida ao sindicalismo em Portugal, garantindo-se logo no programa político do Movimento das Forças Armadas (MFA) a liberdade sindical e o direito à greve”¹²⁶.

Deve analisar-se o contexto em que as greves se formaram e suas características, até a intervenção estatal ocorrida em 1975. A empresa também seguia uma tendência da época que, por ser uma fábrica têxtil, tinha em seu quadro de pessoal uma grande quantidade de mulheres que compunham o quadro maioritário do operariado e lutaram pela manutenção de seus empregos e aumento de seus salários.

Citamos aqui alguns fatores que deterioraram a empresa a partir de finais da década de 60: Implantação de multinacionais americanas e europeias em Portugal que gozava de facilidade de transferência de lucros para seus países de origem e isenção de impostos; exploração da mão de obra de baixo preço e especializada, pois não conheciam todas as fases de produção de uma peça; elevados ritmos de horários; baixos salários; sucateamento do maquinário nacional em relação as tecnologias utilizadas pelas empresas estrangeiras; “tráfico de influências junto à banca créditos bancários recorrentes”¹²⁷.

A deterioração da relação entre a chefia da Fábrica Simões e os demais trabalhadores refletiu-se nas greves iniciadas em fevereiro de 1968 com duração de 3 dias, onde os funcionários reivindicavam aumento salarial. “Apesar de haver adesão maciça dos trabalhadores, com exceção de alguns administrativos, houve a recusa por parte da administração em atender às reclamações salariais”¹²⁸.

Em 1971 registou-se um conflito entre os sócios, alheio aos trabalhadores, levando a que um deles abandonasse a empresa. “Em retaliação à sua saída, os funcionários entraram em greve por três dias, só voltando ao trabalho após a intervenção da PIDE e, da polícia de choque”¹²⁹.

A última grande greve aconteceu no ano de 1974 e, apesar de no ano anterior se verificar que o setor têxtil representava 25% das exportações, os salários deste tipo de empresas eram os mais baixos praticados no país. “Em 1974, o setor fabril enfrentava uma crise profunda com

¹²⁶ PIMENTEL, 1977, p. 367.

¹²⁷ *Ibidem*.

¹²⁸ PIMENTEL, 1977 p. 368.

¹²⁹ *Idem*, p. 369.

baixa produção, falta de liquidez da empresas, descapitalização e considerável aumento do desemprego, equipamentos antiquados e apresentavam uma forte dependência aos bancos”¹³⁰.

Na Fábrica Simões, as reivindicações foram apresentadas aos administradores com o aval do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis de Lisboa, Lanifícios e Vestuário do Sul. Uma Comissão de Trabalhadores foi criada especificamente para esse fim, apresentando as seguintes exigências: “aumento fixo 1000\$00; salário mínimo de 3400\$00; pagamento mensal do salário; décimo terceiro mês; trinta dias de férias com subsídios; saneamento; e aumento salarial”¹³¹.

Os mecanismos de contestação utilizados pelos grevistas foi a criação de um caderno reivindicativo para apresentar as suas reclamações documentadas ao patronato, procurando apoio junto ao MFA, ao Ministério do Trabalho e aos partidos políticos, nomeadamente ao PCP e ao PS. Fizeram-se manifestações de rua com angariação de fundos, tentando envolver toda a comunidade no processo fabril, utilizando também a “difusão de comunicados através da rádio e da imprensa”¹³².

Como o impasse se manteve, foi pedido a intervenção estatal para a resolução da crise. O Conselho de Ministros se reuniu e decidiu que haveria um exame pericial feito pela Inspeção Geral das Finanças, um estudo técnico feito pelo Banco de Fomento Nacional e um inquérito solicitado pela Secretaria de Estado da Indústria e Energia nos termos do Decreto-lei n.º 660/74¹³³.

Ficou determinado um empréstimo de “25 000 contos a médio prazo, seguido de outro de 5000 cedidos pela Caixa Geral de depósitos”¹³⁴. Após constatação do desinteresse dos administradores, o corpo gerente da empresa foi suspenso e foi nomeada uma “Comissão Administrativa, com integrantes da Comissão dos trabalhadores e outros indicados por eles, embora com o aval do Estado”¹³⁵.

Apesar de todos os esforços, inclusive dos funcionários aceitarem reduzir seu horário de trabalho, as verbas concedidas foram utilizadas para pagamentos de salários, compra de insumos e o pagamento das despesas com gasto energético, não restando qualquer remanescente que permitisse investimentos na reestruturação da empresa ou mesmo uma ampliação adequada à crescente procura dos artigos que a empresa produzia. A Fábrica continuou a recorrer à banca, bem como muitas outras empresas. Apesar de continuar a produzir, todo seu lucro era direcionado para pagar os empréstimos.

¹³⁰ PIMENTEL, 1977, p. 370.

¹³¹ *Idem*, p. 371.

¹³² *Idem*, p. 379.

¹³³ *Idem*, p. 383.

¹³⁴ *Ibidem*.

¹³⁵ *Ibidem*.

“A fábrica de artefactos de malha foi comprada em 1985, pelo empresário José Gonçalves. Um ano depois, mediante acordo com os trabalhadores, a companhia foi comprada pela empresa Rodrigues & Figueiredo”¹³⁶.

Em 1987, a Fábrica Simões fecha as suas portas, seguindo-se um plano de urbanização para ocupação dos seus espaços. “O vencedor do concurso de reabilitação foi a equipa chefiada pelo Arquitecto Nasi Pereira”¹³⁷, com um plano que assentou na manutenção da fachada do edifício principal, “sendo o primeiro piso destinado a um centro comercial e os restantes para habitação”¹³⁸.

¹³⁶ Obra 41990, Processo 80/ED2/11, fl. 160.

¹³⁷ *Ibidem*.

¹³⁸ *Ibidem*.

6. O renascer do edifício

6.1. Resistência popular



Figura 38 – Vista aérea da Fábrica Simões¹³⁹.

No período seguinte ao seu encerramento, as dependências da fábrica foram arrendadas para capitalizar o investimento que agora encontravam-se deteriorando. “Foram instaladas nas suas dependências algumas empresas de *coworking*, uma escola circense e uma empresa de venda de automóveis usados”¹⁴⁰, instalada na cercania da casa onde viveu a família Simões (Anexo II). Apesar das muitas sugestões dos moradores para o aproveitamento da estrutura e a transformação em um espaço multicultural para a preservação do Património Industrial de Benfica, nada foi feito e, em 1996, o local foi acometido por um incêndio que voltou a repetir-se em 2011, devido ao lixo acumulado, tornando o prédio devoluto.

¹³⁹ BENFICA FOOTSTEPS Ep. 7 "Fábrica Simões, In: <https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE>.

¹⁴⁰ *Ibidem*.



Figura 39 – Incêndio na Fábrica Simões¹⁴¹.

Em 1990, a Fábrica abandona a função de indústria e os donos, Rodrigues e Figueiredo, fizeram uma proposta de loteamento, levando à sua aquisição por parte da empresa Teixeira Duarte através da TDF (Sociedade Gestora de Fundos de Investimentos Imobiliários). Em 1997, o Plano de Pormenor do Eixo Luz-Benfica estabeleceu as indicações de loteamento no espaço da fábrica¹⁴².

Nove anos mais tarde, a Teixeira Duarte lança um ambicioso projeto para o local intitulado Villa Simões, que transformaria em condomínio residencial todo o complexo fabril da Simões & C^a Lda.



Figura 40 – Villa Simões¹⁴³.

Houve então uma forte resistência por parte dos moradores do bairro de Benfica, que resolveram retaliar o empreendimento com uma série de ações, entre as quais a recolha de assinaturas em petições impressas em papel e *online*.

¹⁴¹ <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/extinto-incendio-na-antiga-fabrica-simoes>.

¹⁴² BENFICA FOOTSTEPS Ep. 7 "Fábrica Simões, In: <https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE>.

¹⁴³ <https://gjp.pt/villa-simoes/>.

Participaram, além de Sá Fernandes, vereador do Bloco de Esquerda, Heitor de Sousa, deputado municipal, e Miguel Reis que representava a Assembleia da Freguesia de Benfica. Miguel Reis ainda apresentou um processo público de discussão de alternativas para a zona da antiga Fábrica Simões, envolvendo os cidadãos, a autarquia e os privados, tendo em conta as diversas necessidades da freguesia, não excluindo a possibilidade de utilizar uma parte da área também para habitação¹⁴⁶.

“A sessão extraordinária foi convocada por iniciativa do BE. A moção foi derrotada por oito votos contra de PSD e PP, sete a favor de BE, PS e CDU, uma abstenção da CDU, tendo faltado à sessão três eleitos do PS”¹⁴⁷.

Em 18 de dezembro de 2008 foi preparado um projeto para classificar a Fábrica Simões em Património de interesse público, sendo enviado à DGPC. Tal pedido foi fundamentado nas “atribuições e competências do Ministério da Cultura, consignadas no Decreto-Lei n.º 215/2006, de 27 de Outubro e na Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, onde se firmam as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural”¹⁴⁸.

Os critérios levados em consideração para análise da proposta de classificação foram baseados, de uma forma geral, no artigo da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, sendo os seguintes.

- a) O carácter matricial do bem;
- b) O génio do respetivo criador;
- c) O interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso;
- d) O interesse do bem como testemunho notável de vivências ou fatos históricos;
- e) O valor estético, técnico ou material intrínseco do bem;
- f) A conceção arquitetónica, urbanística e paisagística;
- g) A extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva;
- h) A importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica;
- i) As circunstâncias suscetíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem¹⁴⁹.

Em 2009, face ao exposto, visitado o local, analisados os elementos constantes no processo e considerado os critérios enunciados, chegou-se a conclusão que a Fábrica Simões não reunia os “valores patrimoniais inerentes a uma distinção como valor nacional (MN ou IIP), mas poderia enquadrar, eventualmente, na esfera dos valores culturais de significado predominante para o município de Lisboa (IIM)”¹⁵⁰.

A autarquia, no âmbito municipal, ainda poderia classificá-la, de acordo com a “Lei n.º 159/99 de 14 de setembro”¹⁵¹, como património de interesse municipal. Apesar de reconhecer o carácter Histórico-Cultural e Estético-Cultural, a gestão autárquica alegou que a integridade e autenticidade da fábrica fora afetada por vários fatores, nomeadamente, pela alienação da

¹⁴⁶ <https://um-novo-olhar-fabrica-simoes>.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/14185704/>.

¹⁴⁹ Obra 41990 - Processo 2008/11-06/879/cl/408 – Informação n.º 3340/DRCLVT/2009, p. 3.

¹⁵⁰ *Idem*, p. 8.

¹⁵¹ *Idem*, p. 6.

maquinaria industrial, de grande importância no domínio da arqueologia industrial, e pelos incêndios que destruíram o interior da ala lateral e que preservou apenas as paredes exteriores, o que comprometeu definitivamente a leitura do objeto arquitetónico de cariz industrial no seu todo.



Figura 43 – Fotos do interior da Fábrica Simões mostrando os danos causados pela ação do fogo¹⁵².

A Autarquia também reconheceu a importância do imóvel quanto ao seu domínio na história social e económica da freguesia de Benfica. Considerou ainda, no entanto, que não se encontrava reunidos os valores de carácter cultural e patrimonial que sustentassem a “abertura da instrução de processo de classificação como imóvel de interesse municipal (IIM). Assim, entendeu-se que a classificação de um imóvel como de Interesse Municipal”¹⁵³, não deveria ser condição imprescindível para a sua preservação, mas a fachada deveria ser preservada no traçado do loteamento previsto para o local.

O impasse ainda continuou e o Projeto Villa Simões foi esquecido até 2014, ano da alteração do Plano de Pormenor do Eixo Luz-Benfica. No seu artigo oitavo, intitulado *Bens da Carta Municipal do Património Edificado e Paisagístico*, designava os bens culturais imóveis que, na área de intervenção do Plano foram considerados de interesse arquitetónico, histórico, ou paisagístico e integravam a Carta Municipal do Património Edificado e Paisagístico. Na alínea f) surge registada a (Antiga) Fábrica Simões (fachadas) / Av. Gomes Pereira, 11-13¹⁵⁴.

¹⁵² Danos causados pela ação do fogo Obra 41990 - Processo: 80/EDI/11 -fls. 318-319.

¹⁵³ Obra 41990 - Processo 80/ED2/11-folha 153.

¹⁵⁴ Plano de Pormenor do Eixo Urbano Luz Benfica «Alteração» 2014. Disponível na internet <URL: <https://www.amlisboa.pt/documentos/1405797769J7kUF8by2Ty09OD3.pdf>. p.5.

A única parte que deveria ser mantida intacta da fábrica era sua fachada do começo do século XX. Esta seria incorporada no novo projeto da empresa Teixeira Duarte com a designação de “Fábrica 1921”, numa alusão à data de implantação da Fábrica na Avenida Gomes Pereira e que no ano de 2021 completaria cem anos de existência.

O novo planeamento destruiu toda a estrutura da fábrica, deixando somente a parede exterior para ser incorporada ao novo projeto. Apesar da luta para recuperação e reabilitação da fábrica, a comunidade foi vencida pela força do capitalismo imobiliário que, utilizando uma retórica de renovar o espaço fabril, acabou por destruí-lo.



Figura 44 – Início das obras do Projeto Fábrica 1921¹⁵⁵.

¹⁵⁵ <https://www.fabrica1921.pt/>.



Figura 45 – Protótipo do novo projeto para o espaço da Fábrica Simões¹⁵⁶.

¹⁵⁶ <https://www.fabrica1921.pt/>.

7. Conclusão

Depois de apresentar o contexto dos eventos que levaram à luta da população para a preservação da história da Fábrica Simões, hoje um condomínio residencial luxuoso e que leva no nome uma «menção honrosa» sobre o complexo industrial que dantes ocupava tal espaço, deixar-se-á aqui algumas considerações pertinentes para futuras tomadas de decisões que visem proteger o património cultural Português. Não obstante, não serão oferecidas aqui respostas, apenas propostas e questionamentos.

Uma das primeiras iniciativas poderia ser a criação de programas educativos sobre a importância patrimonial nas escolas em que o foco seriam as disciplinas como história, geografia e cidadania e que estas integrassem em seus currículos temas que versassem sobre a temática de Arqueologia Industrial e Património Cultural e Industrial, dando a conhecer as leis que protegem o Património, servindo de alerta e procurando despertar uma atitude proativa nos alunos e jovens para que haja uma mudança de consciência em relação à conservação de seu legado industrial e cultural.

Elencam-se, em seguida, as principais ações que enalteceriam o valor histórico de um determinado espaço e equipamento industrial elevando-os a patrimónios industriais a partir de processos de “patrimonialização”:

- conceção de um banco de dados com um levantamento atualizado sobre o estado de conservação do património listado, considerado fundamental e identitário para determinada comunidade;
- criação de projetos de revitalização de espaços industriais, transformando-os em museus, hotéis, ambientes multiculturais, celebrando acordos entre os setores público e privado, locais que tenham como finalidade a interatividade com as pessoas de maneira a despertar o interesse das gerações mais novas;
- aplicação de políticas de proteção patrimonial mais eficazes e que levem em consideração as necessidades e anseios da população, principalmente as comunidades em que o património faça parte da construção de sua história;

- estruturação de projetos que visem a participação mais ativa das associações e da população, nos seus bairros, e também a nível regional e nacional, que defendam o património público da predação;
- incentivo à criação de roteiros turísticos singulares, como os de Turismo Industrial, seja nos moldes do Bairro dos Museus em Cascais¹⁵⁷, seja como a infraestrutura desenvolvida para o Turismo Industrial em São João da Madeira¹⁵⁸, onde a interação entre os visitantes e o património cultural e industrial possa contribuir para a manutenção e preservação de sua história industrial;
- facilitar o acesso ao uso da tecnologia para garantir acessibilidade a programas educativos e criação de núcleos autossustentáveis que não precisem consumir o erário público, através de projetos que estimulem a participação efetiva da comunidade local, mobilizando a opinião pública em defesa da criação de medidas de proteção e conservação;
- criação de um banco de ideias, onde as sugestões «desde que fundamentadas» de todos que desejarem participar, possam ser encaminhadas e discutidas, onde as mais relevantes sejam consideradas e se possível postas em prática;
- atuação junto das empresas que estejam dispostas a receber em suas instalações visitas guiadas para divulgarem a sua história e os seus produtos, mas também aproximar a população do ambiente industrial/fábrica;
- fomentar a discussão nas universidades com seminários e colóquios acessíveis a todos os interessados e não só fechados ao universo académico;
- utilização do espaço virtual na confeção de jogos *online* lúdicos, facilitando o acesso dos adolescentes a estas informações. Há que se buscar novos meios

¹⁵⁷ <https://bairrodosmuseus.cascais.pt>.

¹⁵⁸ <https://turismoindustrial.cm-sjm.pt>.

para incentivar a participação de todos nas tomadas de decisão que beneficiem toda comunidade;

- Divulgar, nas redes sociais, informações sobre Arqueologia Industrial e Património Cultural e Industrial, com o objetivo de atingir todas as faixas etárias sem exceção, pois popularizando o tema ele se torna comum a todos.

A Fábrica Simões foi um grande expoente da Indústria Têxtil em Portugal e em seus anos de funcionamento representou um grande avanço urbanístico para a zona de Benfica, empregando grande parte da população daquela freguesia e se tornando uma referência de trabalho e desenvolvimento para o país.

Fundada e administrada por José Simões, foi durante a sua vigência que atravessou sua época de maior bonança e conseguiu criar projetos sociais para seus trabalhadores. Essa preocupação em oferecer um tratamento mais humanizado a funcionários e familiares talvez se reflita no fato de ter sido também um empregado fabril. Facto é que, depois de sua morte, em 1960, a fábrica não conseguiu resistir às crises financeiras crescentes, acabando por deixar seus equipamentos obsoletos e menos competitivos frente a um mercado em constante mutação. A mão de obra pouco qualificada, aliada a falta de investimento, acabou por impedir a empresa de competir com outras congêneres mais modernas.

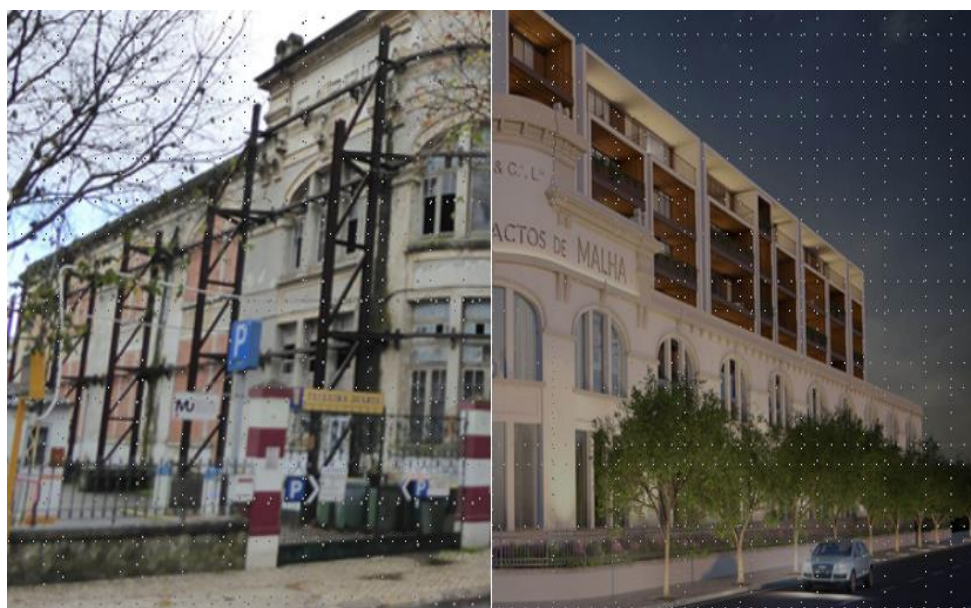


Fig. 46 - Montagem fotográfica da Fábrica Simões (elaboração própria)¹⁵⁹.

¹⁵⁹ <https://www.bing.com/images/>.

O descaso administrativo levou ao colapso económico-financeiro da organização, afundando as finanças em empréstimos na banca e chegando a ter intervenção estatal para evitar seu fechamento nos inícios dos anos 1970. Também enfrentou o descontentamento de seus funcionários, refletido nas greves de 1969, 1971 e 1974.

Oitenta anos depois de sua inauguração, a empresa fechou suas portas, para entrar na história das grandes indústrias têxteis portuguesas. O seu legado é de tal forma importante que já faz parte da memória coletiva de um bairro que, ao adotá-la em suas fronteiras, acabou por dar-lhe um apelido, Fábrica Simões de Benfica.

Ao nos depararmos com essa dicotomia entre o antigo e o contemporâneo, podemos afirmar que o estudo do nosso património industrial poderá nos ajudar a compreender não só o nosso passado como o nosso presente, para isso basta olharmos com um pouco mais de cuidado e atenção para o património a nossa volta. A inauguração do novo complexo residencial, onde localizava-se a Fábrica Simões, mostra-nos na verdade que só resta uma pequena parte para testemunhar uma existência outrora tão promissora.

Devemos buscar combater essas restaurações e conservações metonímicas em que uma pequena parte preservada é reverenciada como o todo. O projeto «Fábrica 21» não recuperou o espaço histórico ou físico da Fábrica. Recuperou um espaço comercialmente rentável.

Este trabalho ficará como um testemunho da existência de uma das grandes fábricas de produção têxtil portuguesa, cuja longevidade fora subjugada pelo progresso. É inegável a necessidade de valorização do património sobrepujado pelo lucro capitalista e espera-se que a arqueologia industrial construa essa ponte entre a antiguidade e a contemporaneidade, de maneira a criar mecanismos para proteger o que ainda resta e o que está por ser descoberto do Património Histórico e Cultural Português.

Bibliografia

APAI - **Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial**. [Em linha]. [Consult. 10 nov. 2023]. Disponível na internet <URL: <https://apaiassociacao.wixsite.com/apai>>

APPI - **Associação Portuguesa para o Património Industrial**. [Em linha]. [Consult. 20 fev. 2024]. Disponível na internet <URL: <http://www.museudaindustriatextil.org/appi/apresentacao.php>>

BARCELOS, Inês Figueiredo – **Projetar com o Lugar – Novos Destinos para Edifícios Industriais: Fábrica Simões e C^a Lda**. Faculdade de Arquitectura de Lisboa. 2010. [Consult. 5 out. 2023]. Disponível na internet <URL: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2890>>

CARDOSO, Rui. **Os mitos em torno do 25 de novembro de 1975**. *Expresso*. 25 nov. 2016. [Em linha]. [Consult. 3 abr. 2024]. Disponível na internet <<https://expresso.pt/sociedade/2016-11-25-Os-mitos-em-torno-do-25-de-Novembro-de-1975>>.

Carta do Porto Santo. **A cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia**. [Em linha]. Porto Santo: *A Conferência do Porto Santo, 25 de abr. 2021*. [Consult. 3 abr. 2024]. Disponível na internet <URL: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/wp-content/uploads/2024/01/2021-carta_porto_santo.pdf>

CHIAVINATO, Idalberto - **Introdução à Teoria Geral da Administração**. [Em linha]. 7a e d. Rio de Janeiro: Campus Editora, 2004. [Consult. 4 nov. 2023]. Disponível na internet <URL: <https://profeltonorris.files.wordpress.com/2014/02/livroteoriageraldaadministrac3a7c3a3o.pdf>> ISBN 9788535213485.

CONRARIA, L. A. et al. – **Crises na Economia Portuguesa de 1910 a 2022**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos Editora, 2023. 230pp. ISBN: 978-989-9153-31-8.

Constituição da República Portuguesa. **VII Revisão Constitucional**. [Em linha]. 2005. [Consult. 20 fev. 2024]. Disponível na internet < URL: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> >.

CORREIA, Teresa Mendes Moreira - **Plano de Marketing: Surf Training School**. [Em linha]. 2016. [Consult. 7 fev. 2024]. Disponível na internet <URL: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/21683/1/TFM%20Teresa%20Correia%20-%20351211103.pdf>>

Cultura Portugal. **Rota do Património Industrial**. [Em linha]. [Consult. 1 dez. 2023]. Disponível na internet <https://culturaportugal.gov.pt/pt/conhecer/rota/_dgpc-rotas/rota-do-patrimonio-industrial/>

EARTH, Google - [Em Linha]. [Consult. 15 mar. 2024]. Disponível na internet <URL: <https://earth.google.com/web/> >.

FOOTSTEPS. Benfica - **Ep. 7 "Fábrica Simões"**. [Em Linha]. 2020. [Consult. 3 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: https://www.youtube.com/watch?v=uS1jzrJohuE&t=109s&ab_channel=JFBenfica>

GUEDES, Manuel Vaz – **Arqueologia Industrial**. In: *Revista da Eletricidade*. [Em Linha]. FEUP – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Nº372. 1999. pp. [Consult. 5 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: <https://paginas.fe.up.pt/histel/ArquivoIndustrial.pdf> >

HEMEROTECA DIGITAL. [Em linha]. [Consult. 20 fev. 2024]. Disponível na internet < <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/PortugalColonial/PortugalColonial.htm> >

ICOMOS - **Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios**. [Em linha]. [Consult. 20 fev. 2024]. Disponível na internet <URL: <http://icomos.pt/index.php/o-icomos-pt/historia>>

LUSA - **Antiga Fábrica Simões vai dar lugar a 300 habitações**. *Diário de Notícias* [Em Linha]. 2009. [Consult. 15 dez. 2023]. Disponível na internet < URL: <https://www.dn.pt/portugal/sul/antiga-fabrica-simoes-vai-dar-lugar-a-300-habitacoes-1330537.html>>

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de – **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Fi Editora, 2020. 265pp. ISBN 978-65-87340-83-8.

MENDES, J. A. - **Dos grupos económicos às novas multinacionais em Portugal (1970-2010)**. In: *Anuario Centro de Estudios Económicos de la Empresa y el Desarrollo*. [Em linha]. nº10, ano 10. 2018. [Consult. 20 dez. 2023]. Disponível na internet <URL: <http://ojs.econ.uba.ar/index.php/CEEED/article/view/1200/pdf>> ISSN 2545-8299.

MENDES, J. A. – **O património industrial na museologia contemporânea: O caso português**. [Em linha]. 2002. [Consult. 27 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: <http://ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf>>

MENDES, J. A. - **A arqueologia industrial: uma nova vertente de conservação do património cultural**. In: *Revista Portuguesa de História*. [Em linha]. Coimbra: FLUC. Instituto de História Económica e Social, 1991. nº 26. [Consult. 6 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: <http://hdl.handle.net/10316/12792>>. DOI: 10.14195/0870-4147_26_4.

MENDES, J. A. - **Novas metodologias em história económica: a arqueologia industrial**. In: *Revista Portuguesa de História*. [Em linha]. Coimbra: FLUC. Instituto de História Económica e Social, 1995. nº 30. [Consult. 20 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: <http://hdl.handle.net/10316/12794>>. DOI: 10.14195/0870-4147_30_2.

MINUZZI, Guilherme; LARENTIS, Fabiano - **Marketing: definições, aplicações, tendências e desafios do profissional**. *Revista de Administração IMED*. [Em Linha]. Nº 4(1). 2014. [Consult. 1 mar. 2024]. Disponível na internet <URL: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/raimed/article/view/429>>. ISSN: 2237 7956.

MONTEIRO, Maria; OLIVEIRA, J.P. - **40 anos do PREC: A ilusão de liberdade de que ninguém fala**. *JPN_Jornalismo Porto Net*. [Em linha]. Março 2015. [Consult. 20 fev. 2024]. Disponível na internet <URL:<https://www.jpn.up.pt/2015/04/26/40-anos-do-prec-ilusao-liberdade-ninguem-fala/>>.

Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. [Em linha]. [Consult. 20 jan. 2024]. Disponível na internet < <https://www.museu.ubi.pt> >

OLIVEIRA, Edmundo de - **Progridir! Uma indústria que pode bem competir com o que de melhor nos vem do estrangeiro. De visita a uma fábrica modelar em Bemfica. Simões e Cia. Limitada.** *Revista da Associação Industrial Portuguesa*. Lisboa, nº 1. pp.2326, mar.1928. [Em linha]. [Consult. 01 fev. 2024]. Disponível na internet < <https://um-novo-olhar-fabrica-simoes.webnode.page/news/um-momento-de-historia/> >

PIMENTEL, Duarte et al. - **Fábrica Simões: autogestão ou delegação de poderes? Estudo de caso numa empresa intervencionada.** In *Análise Social*. [Em linha]. Vol XIII, Nº 50, 1977. [Consult. 1 mar. 2023]. Disponível na internet <<https://www.jstor.org/stable/41008232>>

Plano de Pormenor do Eixo Urbano Luz Benfica «Alteração» [Em Linha]. 2014. [Consult. 20 mar. 2024]. Disponível na internet <URL: <https://www.amlisboa.pt/documentos/1405797769J7kUF8by2Ty09OD3.pdf>>

PROENÇA, P. A. – **Benfica Através dos Tempos**. Lisboa: Ulmeiro. 2004. 521 pp. ISBN 972-706-456-6.

ROSA, C.L. – **O património industrial: a construção de uma nova tipologia de património**. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. [Em Linha]. São Paulo. ANPUH. julho 2011. 14pp. [Consult. 3 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: https://snh2013.anpuh.org/resources/anais/14/1308189074_ARQUIVO_artigoANPUHCarolinaRosa.pdf>

SANTOS, J. C. R. - **Inventário do Património Arqueológico Industrial na cidade de Lisboa, séculos XVIII a XX**. [Em Linha]. *Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Universidade Nova: Lisboa. 2017. [Consult. 03 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: <http://hdl.handle.net/10362/45861>>

SANTOS, Rui Afonso - **O Modernismo Feliz: Art Déco em Portugal. Pintura, Desenho, E scultura 1912 - 1960**. Maia: Gráfica Maiadouro, S.A., jun 2012. 14 pp.

SILVA, A. A. G.; VALENCIA, M. C. P. - **História da Moda: da idade média à contempor aneidade do acervo bibliográfico do Senac – Campus Santo Amaro**. [Em Linha]. CRB8 Digital: São Paulo. 2012. v. 1, nº 5, pp. 102112. [Consult. 4 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: <http://revista.crb8.org.br>>

SILVA, Mariana - **Economia, trabalho e turismo: encontros e desencontros em visitas tur ísticas a fábricas em laboração**. In *Open Editions Journals*. [Em Linha]. Vol. 25, 05 março 2021. [Consult. 17 dez. 2023]. Disponível na internet <URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/9858>>. ISSN: 2182-2891>

Sport Lisboa e Benfica. [Em linha]. [Consult. 20 fev. 2024]. Disponível na internet < <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/slb/historia/estadios-anteriores/campo-de-benfica>>

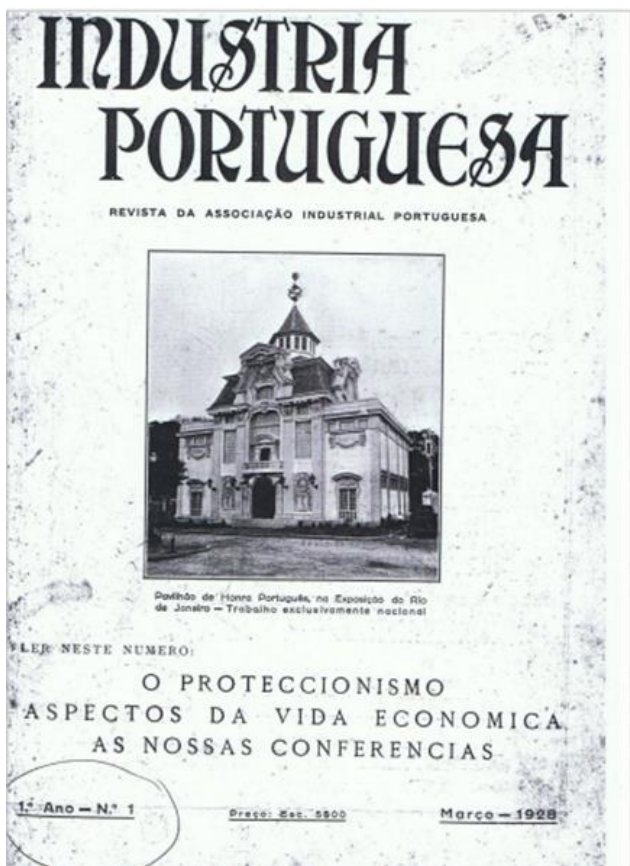
TICCIH - **Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial**. [Em linha]. Jul 2003. [Consult. 5 jan. 2024]. Disponível na internet <URL: <http://www.mnactec.ca/t/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>>

TIME OUT – **A Grande Fábrica que Moldou a Vida em Benfica**. 14 jun. 2019. [Consult. 1 2 dez. 2023]. Disponível na internet <URL: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/casas/a-grande-fabrica-que-moldou-a-vida-em-benfica>>

TOJAL, Raul – **Plano de Pormenor do Eixo Urbano Luz Benfica (Alteração)Regulamento**. [Em Linha]. Anexo I, 2014. [Consult. 20 dez. 2023]. Disponível na internet <URL: <https://www.am-lisboa.pt/documentos/1405797769J7kUF8by2Ty09OD3.pdf>>

VITERBO, Sousa - **Archeologia Industrial Portuguesa: os moinhos**. [Em linha]. Lisboa: I mprensa Nacional. 1896. 14 pp. [Consult. 5 jan. 2024]. Disponível na internet < <https://purl.pt/38689>>

Anexo I - REVISTA DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA



INDUSTRIA PORTUGUESA 33

PROGREDIR!

Uma industria que
pode bem competir com o
que de melhor nos vem do
estrangeiro. De visita a uma
fabrica modelar em Bemfica.

Simões & C.^{ia} Limitada

A visita

Vinda de que nos faz uma ótima recordação;
vinda impressionante, rápida, e tão rápida que...
— Temos 17 máquinas! — diz-nos o sr. José Simões,
porque vai a fazer o modelo para o jornal da
cidade e não quer mostrar-nos o fabrico a fazer.
E foi nos 30 minutos que se visitaram as oficinas.
A primeira, cheia de máquinas, preparação da
lã. Eramas malha, óptimas e modernas ma-
quinhas dispostas em largas ordens. Revo-
lucão surpreendente para os portu-
gueses e todas as vezes que visita de esquisito que dá
tanto grande trabalho porquanto os seus
e a máquina faz trabalhar os seus com muito trabalho.
E é brevemente, embora valiosamente, que tudo
agora se mostra, ritmos caducos que tem a sua
razão de ser.

A seguir entramos na oficina de fabricação de
malha. Um trabalho muito curioso de se fazer
trabalho digno que o trabalhador. Moedores
perfeitos, completos, moderníssimos. Há até má-
quinas que quatro homens bastam para abarcar e
que costumam fazer de 150 a 400 casacos!

O jornalista que se a visitação se des-
ta maravilha maravilhosa, pois de apanhar
qualquer industria moderna, que faz exten-
samente com mais a qual é pouco comum, no
fim, fazer o trabalho, quando a máquina a de-
clarar os seus erros, para logo corrigir e o seu tra-
balho. Caros! O sr. Simões que apenas tem 30
anos, é produz artigos em todas as cores e nos os
sua variadas pedras, merec de dependentes espe-
cial, em que são distribuídas os trabalhos de se já
colado e os mesmos com os desenhos dos padrões.

celas para se apurar o artigo abstrato, escrupulosos, rigorosamente perfeitos. Depois procedo-se a uma sagrada análise, apurando-se o artigo que tem por objetivo os seus. Não há e a procura de aliviar os seus a marca da fábrica, põem os fabricantes as convenções iniciais D. C. que vem da frase: — *Deus in excelsis*. Para ali o artigo D. C. chega por ali a ser vendido, como coisa da primeira ordem... *outras palavras* A terceira análise é feita, porque na fábrica os consideram refugo e a vendem... a 100%.

Dito isto — como pode bem entender-se esta palavra deve bastar — o consumidor que impetire e aprenda a escolher, a respeitar e a pesquisar o que é bom, que que, não se preocupar com estabelecimento já orientado e apto a... comprar bem; para que, finalmente, a sua divisa seja, como a das indústrias, não a de não fazer, apenas não fazer e não fazer a coisa boa.

E. O.

Indústria dos produtos resinosos

A indústria nacional dos produtos resinosos, como sempre, está regulada e influenciada pelos preços dos produtos estrangeiros, os quais ocupam o primeiro lugar com 70 % da produção mundial, vindo a seguir a França com 15 %, a Espanha com 4 %, Portugal com 1,5 % e todos os outros restantes países com 3 %.

As passagens são de 3%.

Devido à pouca sazonalidade, é possível encontrar passagens iguais no superior à primeira, com facilidade podendo passar o ano e o segundo não produzir de grandes resultados, desde que não se tenha um bom conhecimento do mercado. Assim, o primeiro ano é mais passivo, com resultados a visto se concretizam baseando principalmente no Portugal e desde que os proprietários possam retirar todos os seus por esse sistema se não quiserem fazer o mesmo, pois a maioria dos produtores de fora ficaria a trabalhar melhor, com facilidade Portugal poderá atingir 4.000.000 de libras de produção nos próximos. Esta seria uma das condições para a produção de vinho, com o primeiro presenteamento de despesa apenas superior a dez mil libras, ou seja, um valor não de 400.000 libras, podendo, portanto, não se produzindo de

Devido de grandes perdas americanas, os produtos resinados nestes últimos anos, tem baixado bastante, como se pode ver com a comparação dos preços dos produtos americanos nos três últimos anos:

[illegible]

Pelo quadro acima vê-se quanto a indústria portuguesa tem que ser cuidadosa na sua desenvolvimento.

[illegible]

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1996.

Oscar de la Riva Lirio

Propriedade industrial

No princípio desta sala fora instalada no ministério da Confederação a sociedade anônima de estudar as alterações a introduzir na legislação sobre propriedade industrial.

Essa contenda que é travada pelo sr. general Oliveira Bastos, tem como vagalhões os srs. drs. Joaquim Adriano Veloso Abreu, Barão de Magalhães, José Eugênio Dias Ferreira, Manoel Duarte e Carlos Pinto Costa, engenheiro Artur Quintela Salbucha e João Antonio Cunha Ferreira. Os vagalhões foram convidados a apresentar alguns assuntos de que já tinham conhecimento, a fim de serem devidamente apreciados.

Embora a Direção tenha, como tem, o maior conhecimento pelas suas fontes colaboradoras, os subsídios a uma nova praxe jornalística que, as publicações deste gênero, qual constitui uma lei, não pôde deixar expor, a declaração de que a doutrina dos artigos assinados é da responsabilidade dos autores assinados ou os diversos.

Anexo II – Moradia da Família Simões



Fotos de José Alberto Neves.



<https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>



<https://www.facebook.com/photo?fbid=4423219621028372&set=pcb.3656204857789987>